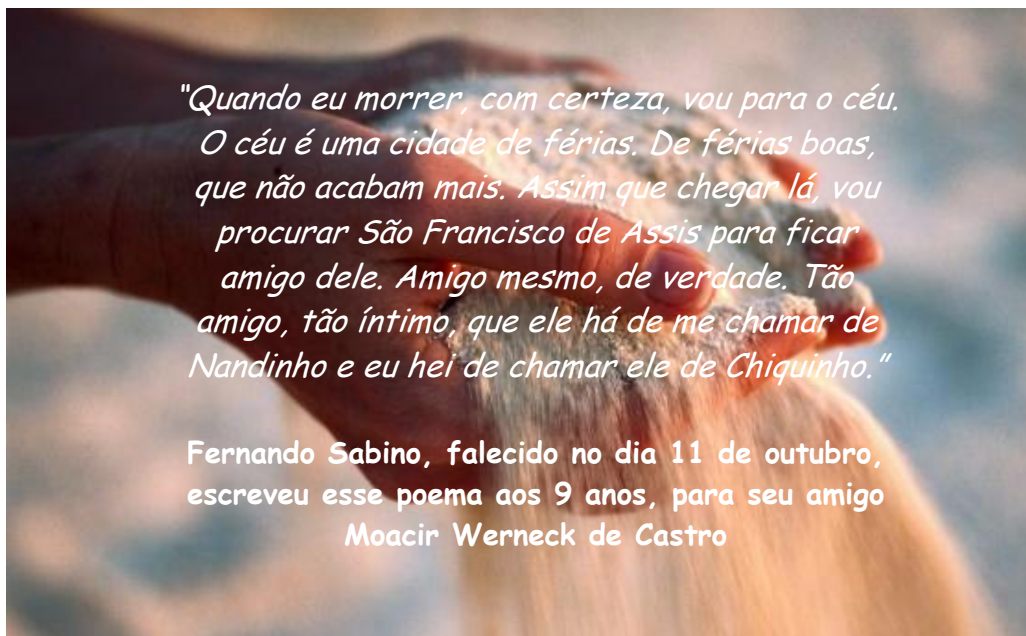


## A morte



### INDICE

EDITORIAL .....	2
MATÉRIA DE CAPA .....	3
<i>A presença da ausência. A perda dos filhos</i> .....	3
<i>Um soldado de paz morto em atentado</i> .....	4
<i>Expectativas truncadas no amanhecer da vida</i> .....	5
<i>A luta pela vida contra a leucemia</i> .....	7
<i>A morte no cristianismo e na cultura contemporânea</i> .....	8
Entrevista com Maria Clara Bingemer .....	8
<i>"O ritual celebra o acordo do que morre e dos que ficam com a morte"</i> .....	13
Entrevista com Rita Amaral .....	13
<i>Os desafios no cuidado dos doentes terminais</i> .....	16
Entrevista Thomas Heinann .....	16
<i>Encontro entre vivos e mortos no contexto espírita</i> .....	18
Entrevista com Sandra Stoll .....	18

<i>Dom, vingança, economia e morte na cultura guarani</i> .....	20
Entrevista com Bartolomeu Meliá.....	20
<i>Um direito baseado no culto aos antepassados</i> .....	23
Entrevista com Justino Adriano F. da Silva .....	23
<b>DESTAQUES DA SEMANA</b> .....	<b>27</b>
ENTREVISTA DA SEMANA .....	27
O corpo e as novas tecnologias.....	27
Entrevista com David Le Breton .....	27
LIVRO DA SEMANA .....	31
Garzantina di Filosofia. Nova edição. Milano: Garzanti, 2004.....	31
DEU NOS JORNAIS .....	34
FRASES DA SEMANA.....	36
<b>EVENTOS IHU</b> .....	<b>38</b>
ABRINDO O LIVRO .....	38
Fractais, Caos e Sistemas Complexos .....	38
IHU IDÉIAS .....	38
Bioinformática para compreender a vida.....	38
Teologia gay .....	39
SALA DE LEITURA.....	42
Ética aplicada.....	42
Da Monarquia à República.....	42
HUMANITAS ARTE.....	43
DEBATE SOBRE UMBANDA .....	43
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS.....	43
Gravidez na adolescência .....	44
<b>IHU REPÓRTER</b> .....	<b>44</b>
PE. LUIZ MAROBIN.....	44
<b>SALA DE LEITURA</b> .....	<b>46</b>

## EDITORIAL

*A morte é uma experiência que faz parte da vida, apesar de nossas sociedades viverem como se ela não existisse. A morte sempre é uma perda. Como lidar com ela? Como viver o momento crítico da perda de um ente querido? Será que temos algo a aprender com as outras culturas? E as diferentes tradições religiosas não são portadoras de uma sabedoria que pode contribuir, para que convivamos com a morte, a tal ponto, que consigamos compreendê-la como nossa irmã (Francisco de Assis)? Quem de nós não conhece alguém que já viveu intensa e, muitas vezes, dramaticamente, a experiência da morte de uma pessoa querida?*

Nesta edição do **IHU On-Line**, publicamos alguns depoimentos de colegas nossos, aqui da Universidade, que viveram a experiência da morte. Por sua vez, antropólogos/as, como Rita Amaral, Bartolomeu Meliá, Sandra Stoll, teólogos/as e psicólogos, como Maria Clara Bingemer e Thomas Heinann e um especialista em direito funerário, prof. Dr. Justino Adriano da Silva, contribuem para a reflexão sobre o tema da morte.

*Adeus ao corpo* é o título do livro de David Le Breton que, recentemente, foi apresentado no Abrindo o livro, promovido pelo IHU. Nesta edição, refletindo sobre a experiência da morte, publicamos a entrevista exclusiva concedida pelo sociólogo e antropólogo francês David Le Breton, professor na Universidade de Estrasburgo, sobre as novas tecnologias que, aplicadas ao corpo, buscam novas formas de eternidade. Uma entrevista instigante que suscita o debate.

Suscitar e favorecer o debate, aliás, é que o IHU fará nesta semana, de maneira especial, promovendo o IHU Idéias desta quinta-feira com o tema “À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – seus dilemas e possibilidades” e o Abrindo o livro com a apresentação da obra **The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation**, de G. W. Flake.

*A todos e todas, uma ótima leitura e uma excelente semana!*

[\(Voltar ao índice\)](#)

## MATÉRIA DE CAPA

### A PRESENÇA DA AUSÊNCIA. A PERDA DOS FILHOS

O casal Marisa e Uirassú Cerqueira conhecem profundamente a experiência da dor, da perda, da morte. Ele é trabalhador autônomo e ela professora e advogada, formada pela Unisinos. O casal teve dois filhos, Geórgia Betina e André Luís. Geórgia era estudante de Psicologia, na Ulbra e de Relações Públicas, na Unisinos. Ela faleceu aos 20 anos, em outubro de 1991, uma semana depois de ser atropelada por uma viatura policial. André era advogado, formado pela Unisinos, faleceu aos 35 anos, de câncer, em fevereiro de 2001, deixando, além dos pais, sua esposa e dois filhos. A força de vida do casal e a força das lembranças de seus filhos reflete-se em suas palavras, gestos e trajetória de vida. “Quando perdemos Geórgia, perguntei para várias mães quanto tempo demorava para passar a dor, umas disseram dois anos, outras três, nenhuma me disse que não passa nunca. Eu sou grávida de saudades. É deles que lembramos ao acordar e é para eles a última lembrança antes de dormir. Mas, minhas feridas as curo na minha solidão, conversando com eles e com o Pai do Céu”, afirma Marisa. Uirassú explica que o acidente de Geórgia, que era extremamente cuidadosa no volante, aconteceu quando o sinal abriu e ela começou a andar, ao atravessar a rua, uma viatura, a grande velocidade com quatro policiais e quatro presos atropelou os dois carros que, nesse momento, atravessavam a rua. O primeiro era o de Geórgia que foi lançada para fora do carro e depois de alguns dias de UTI acabou falecendo. “Tudo foi muito rápido”, disse Marisa, “eu não consegui acompanhá-la, foi arrancada bruscamente de nossas mãos. Quando André ficou doente, eu fiz o que queria ter feito com a Geórgia, acompanhei-o a cada minuto. Contudo, é melhor o golpe de uma só vez que ver minuto a minuto o sofrimento de um filho”. No dia 24 de novembro de 2000, André começou com uma dor na coluna e cinco dias depois já foi diagnosticado o câncer. “O médico

nos disse simplesmente que tinha três meses de vida e que teria as dores mais atrozes. Eu disse para minha nora que quem falou para nós foi um ser humano, não Deus e que iríamos lutar pela vida. E lutamos todos até o último minuto. Às vezes, as pessoas dizem que ficamos cegos, mas não foi cegueira, foi fé e esperança de que tudo é possível. Eu não souro por antecipação”, explica Marisa. Uirassú lembra com emoção como as coisas foram preparadas antes da partida de André. “No meu aniversário, em outubro de 2000, antes de se manifestar a doença, eu tive que ir à praia, arrumar o telhado, e ele me acompanhou, passamos juntos o dia todo, coisa que nunca havia acontecido. Quando soube de sua doença, André nos disse, muitas vezes, que nós não merecíamos passar de novo pela mesma experiência. Tentamos que tirasse aquela idéia da cabeça e nos organizamos para que ele nunca ficasse sozinho, especialmente durante as noites. Quando a Marisa ficava com ele, eu passava a noite de joelhos, oferecendo minha vida no lugar da dele, mas não era para ser”, explica o pai. “Outra vez ele me perguntou se tinha trazido muito aborrecimento para nós. Eu comecei a enumerar todas as alegrias que ele nos trouxe, desde que o segurei nos braços ao nascer até que o vi, como sua mãe, se formar em Direito e, como ela, também ser juramentista da sua turma. Vi-o ser aprovado com distinção no Trabalho de Conclusão de curso, cujo tema foi o acidente de sua irmã. Que pai não ficaria cheio de orgulho com tudo isso? No velório, um grupo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) me pediu autorização para colocar a bandeira da OAB em cima do caixão, eu não só autorizei como fiz questão de colocá-la. Mais um motivo de orgulho até depois da morte”, destaca Uirassú. Para Marisa, o que mais lhes dá a força para viver são os próprios filhos. “Em casa sempre falamos deles, temos ainda bilhetes que eles nos escreveram, as fotografias enormes dos dois cheios de vida, nas paredes da casa. Eles estão conosco, bem vivos, poderosos. Eles nos dão força. Nós fomos tão felizes com essas crianças que encheram nossas vidas e temos muito ainda para lembrar. Eu falo deles com muito agradecimento, a dor da saudade é muito grande, porque o amor e a felicidade com eles foram muito grandes. As lembranças, de certa forma, adoçam a dor. O que fica deles em nosso coração é o que nos dá a força”, salienta a mãe. Para ela, um outro grande suporte são os amigos que acompanham, perguntam, se preocupam, e trazem lembranças deles. “Muitas vezes, as pessoas que não têm intimidade conosco nos olham com estranhamento, perguntando-se como estamos vivos. Outros nos vêem alegres e pensam que tudo foi superado... mas eu vivo a dor na solidão”, afirma a mãe. O casal olha o futuro com esperança. “A esperança do reencontro nos segura aqui, nos dá força, eu sei que minha vida se dirige para esse encontro”, disse Uirassú. “Eu tenho certeza de que eles estão preparando um lugar muito lindo lá em cima. Nada se acaba, a etapa principal está lá. Dá um pouco de angústia ao pensar em nossa partida por causa de nossos netos e não queremos que eles sofram. Mas, ainda temos muito por fazer, eles vão crescer e também vão entender, quando chegar a hora”, disse Marisa.

### UM SOLDADO DE PAZ MORTO EM ATENTADO

Aline Silva Moura, 27 anos, é psicóloga, formada pela Unisinos em 2003, e funcionária administrativa do Setor de Proteção e Risco da Unisinos. Ela divide seu tempo entre o consultório que montou com outra colega no centro da cidade e o trabalho na Universidade. Aline era namorada de Marco Antônio Farias, estudante de física na Unisinos e 3º sargento de comunicações no 19º Batalhão de São Leopoldo. Como foi de público conhecimento, Marco Antônio, aos 24 anos, partiu em missão de paz para Timor Leste e, estando de férias em Bali, Indonésia, um grupo terrorista lançou um carro-bomba contra um clube noturno que matou mais de 180 pessoas, que estavam dentro e fora do local, entre eles Marco Antônio Farias. Dois anos depois, Aline lembra os fatos que desestruturaram tantas vidas e tantos projetos e emociona-se com a solidariedade manifestada por tantas pessoas. “Quando lhe foi feito o

convite para ir em missão de paz ao Timor Leste, para ele foi uma alegria muito grande, um motivo de reconhecimento e orgulho, para ele e para toda a família, porque seu pai também era militar e, financeiramente, era muito vantajoso. Ele tinha planos que fomos compartilhando por *e-mail* enquanto estava lá. Provavelmente quando voltasse, ele ia comprar um apartamento e íamos noivar.

Ele foi para o Timor, no dia 16 de junho de 2002. Nas primeiras férias, ele foi para Austrália e nas segundas, para Bali, que eram os dois lugares onde ele podia passar aquelas férias. No dia 12 de outubro de 2002, aconteceu o atentado. Nesse dia, ele estava com um grupo de amigos num *cybercafé* e um deles, paulista, convidou todos para ir à inauguração de uma loja. Estavam de passagem, quando explodiu o carro-bomba. Só um deles conseguiu correr e se salvar. Naquele domingo, a família ficou sabendo pelo quartel. Eu estava em Santa Catarina, passando o “feriadão”. Minha mãe me deu a notícia. A partir desse dia, sabíamos que estava desaparecido e que estava próximo de onde aconteceu o atentado, mas tínhamos muitas esperanças de que estaria vivo, em algum outro lugar, ou machucado, era tudo muito confuso. Era difícil de acreditar que aquilo era real. Quando vi na TV a reportagem sobre o atentado, me bateu o desespero. Foi então que começou a tortura. Entrávamos direto na internet, fazíamos contato com a embaixada do Brasil na Indonésia, sempre esperando notícias. O pai de Marco Antônio esteve lá e quando viu a desolação que ficou aquele lugar veio com a certeza de que seu filho não estava vivo. Chegamos a perder as esperanças, inclusive, de encontrar o corpo. No dia 24 de novembro, recebemos a notícia de que o corpo havia sido identificado por meio da arcada dentária. Passados dois anos, voltam as lembranças da convivência e parece que a morte não foi real, que a pessoa vai aparecer. O que mais ajudou nesse momento tão difícil foi a solidariedade das pessoas. O apoio de amigos, e até de desconhecidos. Guardei seus rostos e gestos e jamais vou esquecer. Isso me surpreendeu. O contato com a família de Marco Antonio, os pais e a irmã, é também de grande consolo, como uma parte dele próprio que ficou e de quem somos muito amigos. No momento, me perguntei muito o porquê. Por que, na minha vida, perder uma pessoa tão querida, da qual eu gostava tanto? Torna-se difícil lidar com as limitações que a vida nos apresenta. Qualquer outro problema pode ser resolvido, menos a morte, não tem como ligar, como restaurar o perdido. É uma situação muito singular na vida, não há outras com um caráter tão definitivo. A impotência deixa lugar somente para a aceitação. O tempo é o melhor remédio, não deixa de doer, mas dói menos. Essa experiência me levou a reavaliar minha vida, meus valores, o sentido de nossas vidas. Uma pessoa tão jovem como Marco Antonio, com tantos planos, se foi. Isso nos ensina o que valorizar na vida. A lição que tiro é aproveitar cada minuto e valorizar o importante: as pessoas, a família, os amigos, as relações humanas”.

#### EXPECTATIVAS TRUNCADAS NO AMANHECER DA VIDA

Rafael Gue Martini (29) é aluno de jornalismo na Unisinos e funcionário da TV Unisinos. Rafael e Aline, sua esposa tiveram três filhos Valentina (8), Samuel (3) e Miguel que faleceu aos dois anos de idade, em setembro de 2001. O menino morreu de morte súbita, após ser diagnosticada uma virose. Os pais não quiseram investigar a causa da morte, porque isso só seria possível mediante inquérito policial e traria muitos transtornos. As lembranças do pai, registradas a seguir, trazem a forte emoção de um acontecimento existencial que desestrutura a vida das pessoas e as orientam a buscar um novo entendimento. “Ele estava com febre e demos o analgésico que o médico mandou. Se, no dia seguinte, continuasse a febre, deveríamos levá-lo ao médico novamente. Mas no outro dia, às 6h da manhã, a minha esposa o encontrou morto. Levamos a criança logo ao médico, o desespero era enorme e não podíamos acreditar que a realidade fosse essa, mas só houve confirmação. Na hora, vem muita

coisa à cabeça, os acontecimentos do dia anterior, a incredibilidade naquilo que está acontecendo, o sentimento de culpa, as dúvidas sobre nosso procedimento e o procedimento da médica que o tinha visto, se não devêssemos ter insistido com outro médico e tantas outras coisas. Miguel era um menino muito alegre. Desde bebê, ele era muito brincalhão. Antes de abrir os olhos, quando acordava, dava um enorme sorriso. A partida dele foi algo muito duro. Ajudou-nos a suportá-la a nossa participação na Igreja do Santo Daime<sup>1</sup>. Nós entendemos a morte como explica a letra do Hino do Mestre Irineu (Raimundo Irineu Serra), iniciador da Igreja.

Só eu cantei na barra  
Que fiz estremecer  
Se tu queres vida eu te dou  
Que ninguém não quer morrer

A morte é muito simples  
Assim eu vou te dizer  
Eu comparo a morte  
É igualmente ao nascer

Depois que desencarna  
Firmeza no coração  
Se Deus te der licença  
Volta a outra encarnação

Na terra como no céu  
É o dizer de todo mundo  
Se não preparar o terreno  
Fica o espírito vagabundo

A missão de Gabriel era curta, uma criança que só deu e teve alegria. Ele era radiante, não tinha como não se apaixonar por ele em um mundo onde só se vê cara feia. Talvez ele tenha vindo só para nos ensinar isso. Aos poucos, fomos passando essa visão para minha filha Valentina. Ela se assustou muito, especialmente ao ver nossa tristeza. O Samuel, esses dias, viu uma foto do mano e começou a perguntar bastante, até contou para a professora da creche que ele tinha um irmão. Fizemos o velório na Igreja, cantamos hinos em homenagem a ele, alguns hinos que eu mesmo cantava para ele. A doutrina é muito forte, tem uma experiência

---

<sup>1</sup>Segundo a explicação dada no próprio site do Santo Daime ([www.santodaime.org](http://www.santodaime.org)), o movimento religioso começou no interior da floresta amazônica, nas primeiras décadas do século XX, com o neto de escravos Raimundo Irineu Serra. Foi ele que recebeu a revelação de uma doutrina, a partir da bebida Ayahuasca (vinho das almas), denominada, depois, de Santo Daime. A bebida, de uso bastante difundido pelos povos indígenas da região, é obtida pela cocção de duas plantas, o cipó Jagube (*banisteriopsis caapi*) e a folha Rainha (*psicotrya viridis*) ambas nativas da floresta tropical. Ela tem propriedades *enteógenas*, isto é, produz uma expansão de consciência responsável pela experiência de contato com a divindade interior, presente no próprio homem. Segundo o Mestre Irineu, ele recebeu essa Doutrina por meio de uma aparição de Nossa Senhora da Conceição, em uma das primeiras vezes que tomou a bebida, na região de Basiléia, Acre. Os hinos do Mestre, que ele começou a receber a partir do começo da década de 1930, trouxeram uma forte ênfase nos ensinamentos cristãos e outra leitura dos Evangelhos à luz do Santo Daime. A bebida permite que os membros do movimento recebam hinos inspirados. A doutrina do Santo Daime foi apresentada dia 1º de setembro de 2004, no evento **Estudando as Religiões**, promovido pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (Gdirec), do IHU. (Nota do *IHU On-Line*).

transcendente que ajuda a se comunicar com a essência da criança. Esse sentimento de conexão nos ajuda a entender que não perdemos nada, que ganhamos um parceiro do outro lado. Este ano, minha esposa recebeu um hino, uma mensagem dele que dizia “nunca vou esquecer o amor que recebi do meu pai e minha mãe enquanto estive aqui. Papai e mamãe, chega de chorar por mim, eu tenho meu caminho e nele devo seguir”.

Eu sinto a presença dele, que me dá força, fé e esperança. Toda a alegria de viver que tinha a deixou conosco. Nas horas difíceis, lembramos disso. As saudades e a ausência não desaparecem, mas aprendemos a conviver com elas. A morte dele quebrou o ciclo natural, as expectativas de irmos nós antes. Sempre fica a pergunta de como seria se não tivesse sido assim. Os planos que tínhamos para depois, ficaram ali, não houve depois”.

## A LUTA PELA VIDA CONTRA A LEUCEMIA

Ivone Gomes é pedagoga, formada na Unisinos, mora em São Leopoldo e é mãe de quatro filhos. O terceiro de seus filhos, Alexandre Gomes Lace, jornalista, formado na Unisinos, faleceu em março deste ano, aos 28 anos, depois de lutar durante mais de um ano e meio contra a leucemia. Ivone deu continuidade a essa luta pela vida se engajando na ONG Hemoamigos, que procura conscientizar a população para a doação de medula óssea. O olhar sereno e fortalecido de Ivone não esconde um sofrimento profundo e de difícil cicatrização. “A doença manifestou-se por uma mancha na pele e um desmaio no dia 22 de julho de 2002, Em 24 horas, já sabíamos que era leucemia. Foi como se o chão se abrisse e não parássemos de cair. Alexandre ficou quieto... Nunca manifestou revolta, e sim aceitação, porque tinha certeza de que ia vencer a doença. Os médicos diziam que ele era literalmente um “paciente”. Ele tinha se formado um ano antes em jornalismo na Unisinos e estava trabalhando na Rádio Gaúcha. Foi um ano e oito meses de convivência com a doença. Nesse tempo, a amizade e solidariedade daqueles que nos cercaram foi fundamental. Quando Alexandre morreu, fui redescobindo a maravilhosa pessoa que era meu filho também para os outros. Eu sabia quão importante ele era para mim, mas quando comecei a ouvir as histórias que seus amigos me contaram, impressionei-me de como uma pessoa em tão pouco tempo tinha plantado tantas amizades de maneira tão profunda. O carinho que os amigos de Alexandre me manifestam até hoje é um sinal muito claro desses fortes laços. A saudade é cada vez maior, mas hoje faço de tudo para ajudar aqueles que passam pela mesma situação que meu filho. Sempre me considerei uma pessoa de muita fé. Era voluntária no Hospital Santo Antônio com crianças e procurava ajudar as mães a aceitarem a doença de seus filhos, falando-lhes da fé. Hoje eu peço a Deus que aumente a minha fé. Depois de uma situação como essa, nos sentimos muito vulneráveis. Em nossa cultura, a morte parece sempre algo tão distante da própria família que nunca estamos preparados, parece que nunca vai acontecer. Quando acontece, sentimos a vulnerabilidade, a necessidade de segurança do ser humano. Quando Alexandre soube da doença, iniciou um *blog* no qual escrevia diariamente sobre diversos assuntos, menos sobre sua doença. Quando teve que se hospitalizar, porque a leucemia voltou pela segunda vez, ele escreveu “Vou me ausentar por uns dias”. No dia seguinte, 67 pessoas tinham escrito indignadas, pedindo explicações, como alguém que escrevia textos tão interessantes, todos os dias, de uma hora para outra só dizia que se ausentaria. No hospital, ele recebeu impressas as mensagens e resolveu escrever um texto, contando que tinha leucemia. Foi incrível a reação das pessoas, até hoje amigos e pessoas desconhecidas escrevem sobre ele. Hoje, acho que ele está no paraíso, em um lugar muito bom, de muita paz. Em casa, tentamos falar

normalmente dele, fazê-lo presente. Lembramos de muitas histórias, rimos, trazemos sua presença no dia-a-dia, pois ele nos deixou muitas coisas boas”<sup>2</sup>.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## A MORTE NO CRISTIANISMO E NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

### Entrevista com Maria Clara Bingemer

A teóloga Maria Clara Bingemer, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, traz o debate da morte, abordado na presente edição, sob o olhar da Teologia Cristã. Maria Clara graduou-se em Jornalismo, obteve o mestrado em Teologia, pela PUC-Rio, e doutorou-se em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É autora de, entre outros, **A experiência de Deus num corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002; e **Deus amor: graça que habita em nós**. São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003. **IHU On-Line** entrevistou a professora Maria Clara na edição n.º 84, de 17 de novembro de 2003, sobre a filósofa Simone Weil, e na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sobre o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, evento promovido pelo IHU em maio desse ano.

Maria Clara é autora do segundo número dos **Cadernos Teologia Pública**, intitulado **Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista**. A entrevista que segue foi concedida pela teóloga por e-mail.

**IHU On-Line- Como o sentido teológico da morte pode iluminar as pessoas que se aproximam do fim de suas vidas e aquelas que as acompanham nesse momento?**

**Maria Clara Bingemer-** O ser humano é único em toda a Criação que se interroga sobre a morte. Esta constitui sua ameaça fundamental e o assusta, porque é a ameaça do nada. Não fomos feitos para a morte, mas para a vida. Sentimos isso desde que nascemos e em nós a pulsão de vida predomina sobre a pulsão de morte. Primeiramente, vejamos o conceito de morte segundo o Dicionário Aurélio: Morte. S.f. 1. Ato de morrer; o fim da vida animal ou vegetal. 2. Termo, fim. 3. Destruição, ruína. 4. Fig. Grande dor; pesar profundo. 5. Entidade imaginária da credence popular, representada em geral por um esqueleto, armado de uma foice com que ceifa as vidas." Talvez seja por essa imagem medieval, um tanto tétrica, de um esqueleto coberto com uma capa preta, carregando uma foice na mão que a morte se tenha tornado, mesmo que inconscientemente, a imagem de algo incompreensível e, muitas vezes, absurdo para a maioria. Por outro lado, especialistas contemporâneos, como a famosa tanatóloga Elisabeth Kübler Ross afirma: "As pessoas sempre me perguntam como é a morte. Digo-lhes que é sublime. É a coisa mais fácil que terei que fazer. A vida é dura. A vida é luta. Viver é como ir à escola. Dão a você muitas lições a estudar. Quanto mais você aprende, mais difíceis ficam as lições. Quando aprendemos as lições, a dor se vai. Sei muito pouco sobre a filosofia da reencarnação. Não foi o tipo de educação que recebi. É dentro do laboratório que

<sup>2</sup> O endereço do *blog* do jornalista Alexandre Lace é [www.heandshe.blogger.com.br](http://www.heandshe.blogger.com.br). Amigos e colegas criaram também a página [www.amigosdolace.blogspot.com](http://www.amigosdolace.blogspot.com) Para ser um doador de medula, a pessoa deve ter entre 18 e 55 anos e gozar de boa saúde. Trata-se de uma transfusão de sangue, sem nenhum tipo de risco que pode ser feita no Hospital Dom Vicente Sherer, complexo da Santa Casa. No Brasil, para cada indivíduo portador de leucemia, que não tem um doador na família, a chance de encontrar alguém compatível é uma em um universo de 300 mil pessoas. (Nota do **IHU On-Line**).



me sinto em casa. Mas sei agora que existem mistérios da mente, da psique, do espírito, que não podem ser examinados em microscópios ou testados com reações químicas. Com o tempo, saberei mais. Com o tempo, vou compreender"<sup>3</sup>. Além e para além deste depoimento de uma cientista que pesquisa sobre a morte, a teologia, certamente, tem palavras mais belas e esperançosas a dizer. Ela ensina ao ser humano que isto que ele tanto teme não é o fim de tudo, mas é uma passagem para uma vida muito mais plena. Creio que é essa a principal contribuição da teologia cristã para a questão da morte e do morrer, que continua assombrando o homem moderno, tal como o de todos os tempos: trazer uma mensagem de esperança profunda sobre a morte.

### **IHU On-Line- Qual o diferencial no significado da morte para o cristianismo?**

**Maria Clara Bingemer-** O processo de morte começa assim que nascemos. E atravessa toda a vida. Somos seres frágeis, ameaçados, vulneráveis e mortais. Por que esse desejo incontrolável, esse instinto poderoso de sobreviver, de recusar-se a morrer, de desejar viver? A corporeidade do ser humano é o que lhe faz participar da história da natureza. O ser humano é corpo vivo, frágil, mortal. O homem é seu corpo. Por isso o dualismo que despreza o corpo é tão daninho. Por sua corporeidade, o ser humano se comunica com o mundo. E luta pela vida e pela sobrevivência e pelo prolongamento da vida biológica. Por isso é maior que essa vida pela qual luta. Não é apenas a luta instintiva do animal, mas a vida inteligente, planejada, cultivada.

### **A morte dos justos**

O nível social coloca também consideráveis diferenças na maneira pela qual a inevitabilidade da morte chega para uns e para outros: no mundo dos pobres, não se pode escolher uma vida longa nem fazer planos de longo alcance. A morte ronda desde o princípio da vida e está na espreita, manifestando-se quando é menos esperada. Morre-se de emboscada antes dos vinte, de velhice antes dos trinta, de fome um pouco por dia<sup>4</sup>. Porém, mesmo para os que têm recursos, a morte é o atestado de impossibilidade da duração da vida. Revela a fragilidade, a passividade, a impotência do ser humano para conservar e manter a vida. É o final da festa. Hoje em dia, há grande discussão sobre prolongar ou não a vida em algumas circunstâncias. Mas mesmo aí se vê o inevitável e a inutilidade de todos esses prolongamentos artificiais: a morte chega, de uma ou de outra maneira, depois de o indivíduo estar meses ligado a cabos e tubos. Chega naturalmente, ou prematuramente, ou tardiamente. Mas chega. A morte como fato natural é um dado bruto, e não consequência do pecado. A Bíblia já diz isso (cf. 2 Sm 14,14; Sl 89, 49; Gn 3,19). Mas o homem bíblico não pára no dado bruto. Como ser pensante que é, se pergunta: por que a morte da criança, do jovem, a morte injusta do inocente? E encontra uma saída na prole e na posteridade: não morre quem deixa descendência e posteridade. O justo morre cheio de dias e sua posteridade seguirá conhecendo e louvando a YHWH<sup>5</sup>. Mas para onde vão os mortos?, deseja saber igualmente o povo de Israel. E aparece a idéia da mansão dos mortos, o *scheol*. Lugar de silêncio, de escuridão, de esquecimento,

<sup>3</sup> E. KÜBLER ROSS, *A roda da vida*. São Paulo: Sextante, 2001.(Nota da autora)

<sup>4</sup> Conferir J. CABRAL DE MELO NETO, em sua célebre obra *Morte e vida Severina*. No dia 25 de maio de 2004, ocorreu a encenação do auto de natal pernambucano *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. A peça foi uma montagem da oficina de teatro da Unisinos, organizada especialmente para o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, realizado de 24 a 27 de maio de 2004, na Unisinos, e promovido pelo IHU (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>5</sup> YHWH significa Yod-He-Wau-He em hebraico arcaico, ou Yud-Hey-Wav-Hey em hebraico moderno, e significa o nome de Deus (Nota do *IHU On-Line*).

onde não há mais conhecimento nem louvor de Deus (sobretudo no Livro de Jó ou no Qohélet e em alguns salmos: 115, 88, 6, 30). Porém a fé em que YHWH é o Senhor da vida, é imposta sobre a visão pessimista do destino desses que estavam “vivos na história”. Vai crescendo em Israel a consciência de que Deus não abandonará a alma do justo na mansão dos mortos (Sl 16,10; 49,16).

### **Justiça divina e vida biológica**

Cresce a consciência de que a justiça divina ultrapassa os limites da vida biológica e, portanto, aqueles que um dia foram vivos na história agora estão “vivos em Deus”. Nos escritos mais tardios do Antigo Testamento, portanto, já aparece, então, a convicção de que Deus fará justiça, embora depois da morte biológica. A vida do justo está em suas mãos e Ele é um Deus de vivos, e não de mortos. Quer a vida e não a morte. Como tal, seu poder pode conquistar e vencer tudo, até mesmo a morte. Todos devem morrer por sua condição biológica, mas a morte não será a última palavra sobre a vida humana. A última palavra vem de Deus, que é amor que dá a vida em plenitude. O NT ratificará plenamente essa teologia, com a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, que passou pela morte e foi ressuscitado por seu Deus e Pai, sendo reconhecido pela comunidade cristã como Filho de Deus e Deus mesmo. O NT afirmará que o destino de Jesus é o mesmo nosso. É isto o que diz Paulo em 1 Coríntios 15: Somos sarx (carne); soma (corporeidade, corpo); psyché (mente, interioridade); pneuma (espírito). Na morte, se dissolvem a sarx e a psyché.

### **Morremos inteiros, nada fica vagando**

Morremos inteiros e não resta nenhuma parte de nós vagando perdida, porque somos seres integrados. Vivemos inteiros, porque fomos criados inteiros – corpos animados pelo nefesh (espírito) do Criador. Pela mesma razão, morremos inteiros, e o Deus da vida, que ressuscitou Jesus dentre os mortos, nos ressuscitará também, e nos dará a graça de seguir vivendo, soma pneumatikón (corpo espiritual), como fez com seu Filho. Por isso, o ser humano pode fazer da morte um ato de entrega pessoal. Sendo pessoa, e não apenas sarx psíquica, mas também soma pneumatikón, que implica capacidade de relação com a alteridade do outro e capacidade de escuta e obediência ao Deus da vida, sua morte se inscreve no processo de sua vida, permitindo-lhe viver sua própria morte em coerência com o que foi e é sua vida. Para morrer, basta estar vivo. A morte biológica e sua inevitabilidade angustiam o homem por dentro, porque, por um lado, sabe ele que morrerá e, por outro, compreende-se e se sente destinado à vida, à comunhão com os outros. Sofre com isso, resiste. Algo dentro de si recusa-se a terminar, a acabar. Recusa-se igualmente a aceitar que a vida seja só isso, se, por outro lado, o ser humano é tão diferente de todos os outros seres vivos que formam o mundo biológico. Nesta sua resistência a aceitar a morte, o ser humano, muitas vezes, tenta enganá-la e camuflá-la de qualquer maneira<sup>6</sup>. E assim, não a olha de frente.

### **O cristão deve olhar a morte de frente**

O cristão, sim, é chamado a fazê-lo. A doutrina cristã nos diz que a morte biológica não é consequência do pecado, mas consequência natural de nossa comunhão com o universo biológico e a natureza, a morte existencial, sim, o é. O pecado nos envolve e nos divide. Faz com que não sejamos transparentes ou integrados, e, sim, divididos, tristes, desgarrados e dilacerados. A morte nos humilha, porque queremos ser imortais, e não aceitamos que toda

<sup>6</sup> Cf. todas as indústrias da morte, a maquiagem da morte, livros que incitam ao suicídio, etc., em países, sobretudo, do Primeiro Mundo, notadamente os EUA. (Nota da entrevistada)

essa pujança de vida que sentimos terminará, que todos os seres que nós amamos terminarão. É possível que o amor acabe? É possível que tenha um fim toda essa maravilha que o ser humano, criado por Deus, fez no mundo? De acordo com a fé, a morte, apesar de sua carga de angústia e incerteza, é ruptura com um modo de existir conhecido existente e passagem para o desconhecido. Portanto, traz angústia e insegurança. É passagem para uma novidade radical, ninguém voltou para informar-nos<sup>7</sup>. Da mesma forma, ela nos torna passivos. Chega um momento em que temos que entregar-nos, porque não temos mais forças para lutar. E aí sentimos a impotência, a passividade. Sentimos que a morte é kenosis, humilhação. Mas a mesma morte, de acordo com a fé cristã, também é doxa. Da humilhação máxima do Filho, Deus fez a máxima glória. Pelo batismo, fomos nomeados e selados com ou mesmo nome do Deus de nossa fé. E daí decorre que a morte para nós – assim como a vida - tenha que ser um ato de entrega contínua e oblação total. A morte biológica será o selo dessa vida que vivemos. Se foi uma vida de abertura, entrega, serviço ao outro, a morte a selará como último ato de uma liberdade que sabe não se pertencer a si mesma, mas a seu Criador e seus irmãos. No fundo, é a morte e a unicidade irrepitível da vida o que dá seriedade e peso escatológico a todos os nossos atos e opções. Tudo tem peso de eternidade. Nada pode ser irresponsável, portanto. A vida é o lento amadurecer da morte. As escolhas que fazemos, por sua vez, fazem e farão nossa morte, lhe darão seu semblante definitivo. Morremos daquilo que escolhemos estar morto, embora ao preço da opressão do outro. Ou viver com Cristo, acreditando que a caridade é o que faz viver, é o que nos faz felizes, é o que nos faz passar da morte à vida, como afirma a 1ª carta de João, 14. E acreditando que se, para Jesus, tudo não terminou na cruz, para nós também tudo não terminará em nosso leito de morte. Nossa vida tem futuro.

### **O amor é mais forte que a morte**

A comunhão com Deus, o amor, é mais forte que a morte, a qual é o fruto maduro das opções de toda a vida. A eternidade é coisa séria. Decidir o destino eterno é coisa muito grave. A morte é aquele momento de ruptura em que uma vida inteira trabalhada em silêncio, em sofrimento, em alegria, em festa, marcada de tristezas e alegrias, desponta luminosa para a vida que não termina ou aborta definitivamente para a morte segunda. Porém, nossa esperança pode ser ilimitada. A vontade salvífica universal de Deus é atestada e reconfirmada pela revelação. E o Deus que não deixou seu Filho entregue ao poder da morte, como não fará a mesma coisa conosco? (cf. Romanos 8, 31 seguintes). A fé cristã não elimina a dor da separação e da ausência que traz a morte, da mesma morte da qual Jesus dá testemunho. Não é a morte de um jovem judeu que não quer morrer. Porém, ao ter que escolher entre não morrer e ser infiel ao desejo do Pai, escolhe ser fiel e paga o preço de ser condenado, torturado e morto. Para o cristão também se apresentarão os caminhos da escolha livre: viver como se tudo terminasse aqui, e então, desfrutar tudo, comer e beber, porque amanhã se pode morrer. O sentido da morte no cristianismo, portanto, é este: uma passagem para uma vida mais plena. O cristianismo nos ensina que estamos sempre vivos. Antes de nosso nascimento, já vivíamos no desejo amoroso e no pensamento criador de Deus. Após nosso nascimento, vivemos na história. E depois da nossa morte, passamos pela ruptura da mesma para despertar, vivos em Deus, em uma vida que não termina. Mas isso só nos foi revelado pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Deus mesmo enviou Seu Filho, que assumiu nossa carne mortal e viveu nossa vida e morreu nossa morte. E foi resgatado da morte pelo Deus que é Seu Pai e que não o deixaria nunca permanecer em seu poder nem conhecer a corrupção. A ressurreição de Jesus Cristo responde a perguntas que, inclusive o Antigo Testamento, já se fazia. Nas

---

<sup>7</sup> E isso apesar das experiências de hoje, cf. E. KÜBLER ROSS. (Nota da entrevistada)

etapas mais tardias do Antigo Testamento, já havia a concepção, entre o povo de Israel, que os mortos iam para um lugar intermediário, onde esperavam a ressurreição do último dia. E que os justos não morreriam para sempre, mas seriam resgatados por seu Deus. Essa fé judaica, Marta de Betânia a proclama diante de Jesus no momento da morte de seu irmão Lázaro (João 11): “Creio que ele ressuscitará na ressurreição do último dia”. E Jesus lhe responde: “Eu sou a ressurreição e a vida. Todo aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E quem vive e crê em mim nunca morrerá.” A fé nisso é que nos diz que ressuscitaremos com Cristo para uma vida mais plena que não termina. Não nos reencarnaremos, pois só se vive uma vez. O Deus da Vida, que nos desejou e nos criou, nos dá uma vida que permanece e não se acaba com a morte biológica, que adquire a dimensão de passagem para uma vida mais plena.

***IHU On-Line- Como é vista (ou escondida) a morte na sociedade contemporânea?***

**Maria Clara Bingemer-** Creio que o ser humano moderno camufla a morte, procura escondê-la, porque não tem coragem de olhá-la de frente, nos olhos. Toda a mentalidade da sociedade contemporânea busca iludir-se, procurando, por caminhos equivocados, uma imortalidade que não alcançará. O culto ao corpo nas academias, a corrida aos cosméticos para reter uma juventude que já se foi, os gastos absurdos com tratamentos médicos e beleza que fazem promessas enganosas de longevidade são todos uma demonstração da angústia humana de encontrar a imortalidade. Por outro lado, os padrões que são ditados como positivos são sempre de jovens, atléticos, musculosos, de corpos e saúde perfeitos, coisa que não corresponde à realidade. Nunca é mostrada a realidade daqueles que, vítimas da injustiça social, conhecem a morte prematura, como disse o poeta João Cabral de Melo Neto, “de emboscada antes dos vinte, de velhice antes dos trinta, de fome um pouco por dia”. Por outro lado, nos países do primeiro mundo, há, ao lado de um estímulo ao suicídio assistido e à eutanásia em pessoas idosas, toda uma indústria de maquiagem e disfarce de mortos, que tem um sentido profundo de recusa da morte como solidariedade com todo o cosmos e sobretudo como esperança na vida eterna que Deus nos promete e garante.

***IHU On-Line- Como o conceito da vida e da morte se inter-relacionam em um determinado grupo social ou numa cultura?***

**Maria Clara Bingemer-** Em uma tradição ou cultura, a concepção de vida em geral corresponde à concepção de morte que se tem. Uma cultura que perde a memória, que perde seus rituais e símbolos – como está acontecendo com a nossa – perde também a capacidade de fazer uma integração harmoniosa da morte em seu pensar e em sua concepção. Por isso, tratará de preservar com unhas e dentes uma vida biológica, mesmo que seja em detrimento da vida biológica de outros seres humanos. Há países desenvolvidos hoje que vivem essa cultura antropofágica, que se nutre da morte alheia, submetendo povos inteiros a trabalho escravo, a consumo excessivo e daninho, a alimentos envenenados com agrotóxicos ou transgênicos e a toda a sorte de letais invenções laboratoriais.

***IHU On-Line- A Teologia da Libertação e a vivência da fé na América Latina, ajuda, de alguma forma, a compreender melhor a vida e a morte?***

**Maria Clara Bingemer-** Creio que a Teologia da Libertação tem dado grande contribuição à compreensão da vida e da morte na América Latina, no sentido de que tem chamado a atenção para o trabalho predatório que fazem entre nós, em nosso continente, essa chamada cultura de morte, que canoniza o progresso, o sucesso e o dinheiro, ao preço de vidas humanas de populações inteiras. Ao mesmo tempo, a Teologia da Libertação chamou fecundamente a atenção para as razões que o povo tem para ter esperança. Valorizando muito a reflexão da

Palavra de Deus na Bíblia, conectando-a com os fatos da vida, a Teologia da Libertação tem ajudado muito as pessoas mais pobres e sofridas a redescobrirem o sentido de sua vida, redescobrando que Deus não quer nossa morte, mas quer que vivamos, e vivamos bem. E que para isso precisamos estar juntos, ser solidários, formar comunidades, ajudar-nos mutuamente. A Teologia da Libertação tem auxiliado muito a libertar o povo de Deus de uma visão escatológica tradicional, que fazia um corte entre a vida agora e a vida após a morte, como se fossem duas coisas separadas. Tem mostrado que a eternidade já começou agora nas utopias históricas e que é preciso apostar nelas, lutando e se unindo. É isso que Libanio e eu procuramos demonstrar em nosso livro *Escatologia cristã*<sup>8</sup>, que saiu pela Vozes.

#### **IHU On-Line- Que sentido poderíamos dar ao dia 2 de novembro?**

**Maria Clara Bingemer-** Acho que deveríamos celebrar nossa finitude que nos diz a verdade do que somos e a verdade de quem é nosso Deus. Ele é infinito, nós somos finitos. Devemos celebrar a aceitação alegre dessa condição de finitude, sabendo que podemos ter toda a esperança do mundo, porque, em seu Filho Jesus Cristo, Deus nos mostra quem é e o que pretende fazer conosco: sentar-nos perto de Si, junto com Seu Filho. O destino de Jesus é o nosso. E a condição é vivermos a vida como Jesus a viveu, uma pró-existência inteiramente voltada para o amor e o serviço ao outro. Nesse sentido, no dia 2 de novembro, deveríamos fazer um trabalho de conscientização sério e celebrar muito profundamente todas as mortes prematuras e injustas que hoje fazem o Brasil ser um país com medo e enlutado. Creio que isso seria muito mais fértil, vivificante e consolador do que juncar os túmulos dos mortos com flores e mais flores que murcharão amanhã. Assim, estaríamos investindo realmente na vida para nós, para nosso povo e para nossos jovens que estão sendo dizimados pela violência urbana no Brasil.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **"O RITUAL CELEBRA O ACORDO DO QUE MORRE E DOS QUE FICAM COM A MORTE"**

### **Entrevista com Rita Amaral**

*A antropóloga Rita Amaral é professora no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). Ela deu a entrevista publicada abaixo ao IHU On-Line, por e-mail, comentando a visão do candomblé e dos aspectos antropológicos da morte. Rita é graduada em Ciências Sociais e mestre em Antropologia Social pela USP. Sua dissertação leva o título **Povo-de-santo, povo de festa. O estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista**. A professora é também doutora e pós-doutora em Antropologia Social pela USP, com a tese nomeada **Festa à Brasileira - Sentidos do festejar no país que não é sério**. Rita Amaral é autora de **Mitos dos Orixás do Candomblé Paulista**. São Vicente: Ed. mLopes eBooks, 2001; **Festa à Brasileira - sentidos do festejar no país que 'não é sério'**. Internet: Ed. eBooksBrasil / Os Urbanitas, 2001; **Xirê! - o modo de crer e de viver do candomblé**. Rio de Janeiro: Editora Pallas/EDUC, 2002. É também organizadora de, entre outros, **Como viver com ossos de Cristal**. São Paulo: Associação Brasileira de Osteogenesis Imperfecta, 2001.*

**IHU On-Line- Quais são as conseqüências antropológicas da morte de entes queridos na vida de uma pessoa?**

<sup>8</sup> LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985 (Nota do *IHU On-Line*).

**Rita Amaral-** A morte é, sem dúvida, para todos os grupos e para todas as sociedades, um evento desestruturante. Não só porque coloca indivíduos e grupos diante da realidade do destino humano de perecer e da perda das pessoas queridas, mas porque deixa vago, na estrutura familiar, social, grupal etc., um espaço relacional em termos da relação particular do indivíduo que morre com os demais. Ainda que seu "lugar" venha a ser ocupado por algum "substituto", o conteúdo das relações não permanece inalterado. Pense, por exemplo, no caso de uma família. A morte de um dos pais recoloca a posição do outro na relação com os filhos e a destes com relação ao pai ou mãe viúvos. A morte do marido coloca a mulher num novo *status* social. A morte de um filho deixa vago um espaço de afeto e os direitos e obrigações mudam, assim como as perspectivas e os papéis de cada um. É um momento de mudança, desestruturante, seja a morte de um estadista, de um líder religioso ou da empregada doméstica. A morte é desestruturação. E ela impõe a necessidade de criar novas relações com pessoas e situações múltiplas e de reposicionar as existentes. Inclusive as relações com o próprio eu.

**IHU On-Line-- Em que medida os rituais religiosos procuram e conseguem reestruturar a desestruturação provocada pela morte?**

**Rita Amaral-** Pense na vida como um fio ligado a outros fios, como numa rede. A morte de um indivíduo é um furo nessa rede que precisa ser fechado sob pena de que por ele escorra o sentido das vidas (outros fios) que se ligavam a este fio rompido pela morte. O que as religiões e os rituais religiosos fazem é reconstituir o fio rompido no plano simbólico, ou seja, declarando, ritualmente, que não há morte, que o vínculo permanece, embora não mais aqui e agora. Encerra-se uma etapa. A rede de significados passa, então, a ser estruturada também pelos fios invisíveis da memória. Por exemplo, o pai morto continua sendo o pai num mundo para onde todos irão após a morte, ou continua ao lado da família como um espírito, reencarnará num novo ser, voltará à energia de onde viemos, etc. Os rituais afirmam isso coletivamente por meio do consenso e do estabelecimento do momento do fim de uma fase, para que o recomeço possa se dar. O que o ritual faz é celebrar o acordo do que morre e dos que ficam com a morte. É como se quem morreu concordasse com isso e quem ficou também, porque o fio da vida não se rompeu. Mudou de plano, apenas. "Chegou a hora dele". Chegará a de todos. Os ritos funerários lembram isso positivamente. O morto passa a ser o finado, o que encerrou suas atividades neste mundo, mas não se acabou.

**IHU On-Line-- Como acontece a comunicação entre vivos e mortos no contexto do candomblé?**

**Rita Amaral-** Não acontece. A não ser quando os mortos saem da categoria de simples espíritos e passam à condição de ancestrais, conhecidos como egunguns. Mesmo assim, essa comunicação sofre um intenso controle e nem mesmo um egungun pode tocar num ser vivo, pois contaminaria a pessoa, que morreria em breve. Acredita-se que os egunguns vêm à terra sob o controle dos orixás para aconselhar os vivos de sua estirpe. Em geral, evita-se falar da morte e dos mortos. Acredita-se que os mortos podem causar perturbações aos vivos, porque se sentem ainda ligados aos que amaram e devem ser ajudados a se desvencilhar dos vínculos com o mundo material. O rompimento destes vínculos é radical: até o orixá que foi assentado na cabeça do iniciado falecido (e em representações materiais), deve ser "libertado", para que possa retornar à "energia natural" da qual, na forma de um orixá particular, era uma fração. O ritual denominado *axexê*, ou *cirrum* tem a finalidade de "despachar o egun", isto é, libertar os espíritos das relações com o mundo dos vivos e "encaminhá-los" ao mundo dos mortos, rompendo também o vínculo com o orixá.

**IHU On-Line - Como a sociedade pós-moderna lida com a morte e os mortos?**

**Rita Amaral-** Afastando sua presença do cotidiano. Embora milhares de pessoas morram todos os dias, especialmente nas grandes cidades, não nos damos conta disso empiricamente, pois não vemos os mortos e os enterros. Há pouco tempo, numa aula, perguntei aos alunos, todos com cerca de 20 anos de idade, quem entre eles havia visto um morto sem que fosse num velório de cemitério. Nenhum; nem em casa. Todos viram mortos apenas nos velórios de hospital e cemitérios, aonde vamos, se quisermos. A morte foi medicalizada e tomada pelo Estado a seu cargo. Hoje não podemos mais enterrar os mortos em nossa casa por questões de saúde pública. Os corpos são preparados para o enterro ou cremação por funcionários especializados em tornar a morte asséptica e absorvível, escondendo dos parentes e amigos a parte feia do rigor *mortis*, da tamponagem dos orifícios e outras coisas tidas como macabras. Há especialistas em maquiagem mortuária. Talvez por isso se mate com tanta facilidade hoje em dia. A morte não é mais enfrentada e conhecida em toda sua dolorosa extensão, como no tempo em que se velavam os defuntos em casa sobre a mesa de jantar. Por outro lado, em Pernambuco, até há pouco tempo, fotografava-se o morto no caixão para guardar a lembrança.

**IHU On-Line-- De que forma essa visão choca e influencia as concepções religiosas?**

**Rita Amaral-** Acho que a cultura e as religiões em geral já absorveram esta realidade e como o domínio das religiões é o espiritual - já que "o corpo é uma batalha que se perde" -, não há choque. Mas, antes de ser assim, houve muita briga. A Cemiterada, na Bahia, em 1836, foi uma revolta que teve como mote a obrigação de se enterrar os mortos em cemitérios. Proibiram-se os enterros nas igrejas, concedendo-se a uma companhia privada o monopólio dos sepultamentos na cidade de Salvador. As irmandades e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas que costumavam cuidar dos funerais de seus membros conclamaram o povo e quebraram a machadadas o cemitério e a capela que existia ali, alegando que o poder público estava afastando os mortos da casa de Deus. Hoje nem na própria casa se veste um morto, a não ser muito excepcionalmente.

**IHU On-Line-- O brasileiro tem uma ligação forte com os antepassados? De que forma isso se expressa?**

**Rita Amaral-** Eu não diria isso. Pelo menos não no sentido que os antepassados têm, por exemplo, para os índios ou para os japoneses. O brasileiro tem uma ligação forte com tudo que é misterioso, espiritual. Os mortos, mesmo os de outras famílias ou contemporâneos, merecem grande respeito em nossa cultura (talvez por terem, finalmente, desvendado o grande mistério da morte), mas o povo não segue exemplos dos antepassados. Nem os velhos são respeitados, o que costuma acontecer nas sociedades em que os antepassados constituem ligação com o presente por meio de exemplos ou mesmo se comunicando de algum modo com os vivos. A intensa ida aos cemitérios nos dias de finados é muito mais um rito de saudade, uma forma de dizer que não nos esquecemos dos que morreram.

**IHU On-Line- Algum outro aspecto que queira destacar e não foi perguntado.**

**Rita Amaral-** Lembro que o rito fúnebre é tão mais importante quanto maior é o número de relações que ele deve romper e reorganizar. A morte do piloto Ayrton Senna, é um exemplo. O longo trajeto do féretro do Aeroporto Internacional até a Câmara, acompanhado pela cavalaria, a vigília e o adeus do público no trajeto até o cemitério foram necessários e proporcionais à perda e ao número de relações que a morte do piloto rompeu. Os indigentes são enterrados sem maiores cerimônias.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## OS DESAFIOS NO CUIDADO DOS DOENTES TERMINAIS

### Entrevista Thomas Heinann

O tratamento dado aos pacientes de UTI's hospitalares que possuem doenças terminais é abordado pelo psicólogo Thomas Heinann na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, ao **IHU On-Line**. Thomas Heinann é professor de Cultura Religiosa na Ulbra. Além da graduação em Psicologia, realizada na mesma instituição, o professor é teólogo formado pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia e mestre em Teologia pela EST. Sua dissertação intitula-se **Cuidando de cuidadores: acompanhamento a profissionais que assistem pacientes terminais em UTI's - uma abordagem a partir da Psicologia Pastoral**. O professor publicou o artigo "Visitação às pessoas enlutadas". In: **Comunidade Viva - manual de educação à distância**. São Leopoldo: Sinodal e EST, 2003.

#### **IHU On-Line- Em que consiste seu trabalho junto aos doentes terminais?**

**Thomas Heinann-** O interesse pelo trabalho junto a doentes terminais vem desde a minha formação no curso de teologia. Na realidade, não envolve apenas os doentes terminais, mas todos aqueles que estão diante da terminalidade da vida, isto é, diante da morte e do morrer, incluindo pacientes graves em UTIs. Como estudante de teologia e pastor, me deparei, inúmeras vezes, com o acompanhamento deste tipo de pacientes em hospitais. Experiências de familiares com a morte de seus entes queridos e com o morrer também me deram um aprendizado prático e concreto. Um segundo trabalho foi na área da Psicologia Hospitalar, no qual coordenávamos um grupo semanal de apoio a familiares de pacientes graves e terminais. O terceiro e último trabalho, ligado ao tema da morte e morrer consistiu na minha dissertação de mestrado, que envolveu tanto pesquisa bibliográfica como de campo, com a realização de entrevistas. Esta, porém, procurou focar os profissionais do cuidado e não os pacientes. O interesse pelos cuidadores parte do pressuposto de que, todos que lidam com a morte e morrer, acabam sendo vítimas de estresse e sofrimento psíquico. O cuidado aos cuidadores, portanto, interfere diretamente na qualidade de um melhor atendimento aos próprios pacientes.

#### **IHU On-Line- Quais as observações que poderia apontar como comuns para quem está nessa fase?**

**Thomas Heinann-** A forma como cada pessoa enfrentará a sua doença terminal, ou a iminência de sua morte, dependerá de um grande número de fatores: idade, momento de vida, estrutura familiar, crenças religiosas, redes de apoio (amigos, comunidade religiosa...). A preparação pessoal para a morte passa, de uma forma geral, pelos cinco estágios propostos por Kübler-Ross, em sua obra *Sobre a morte e o morrer*<sup>9</sup>. O estágio da negação, em que o paciente tenta evitar o pensamento consciente da morte para não sofrer. Acredita que tudo é um grande pesadelo e que o diagnóstico da doença deve estar errado. O estágio da raiva, em que diante da realidade da doença fatal surgem sentimentos de revolta, raiva e cólera contra todos à sua volta, inclusive contra Deus. O comportamento pode se tornar agressivo e desesperado. O estágio da barganha, em que, diante da inevitabilidade da morte, o doente faz pactos consigo mesmo, com a morte e com Deus. Promete ser um marido ou pai melhor,

<sup>9</sup> KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Este autor foi citado por Maria Clara Bingemer na entrevista concedida a este boletim, logo acima, na presente matéria de capa (Nota do **IHU On-Line**).



promete se consagrar mais ao trabalho religioso, caso fique curado ou ganhe mais tempo de vida. Estágio da depressão, onde há uma mudança drástica de comportamento. O paciente pára de lutar contra a doença e se entrega para a morte. É um tempo de profunda tristeza e preocupação, em que as realidades das perdas se intensificam e se tornam quase insuportáveis para o doente. O estágio da aceitação, no qual, após tanta luta e sofrimento, o doente, finalmente, aceita sua situação e pode experimentar a paz e tranqüilidade, se aprontando para encontrar a morte. O que é importante dizer, porém, é que nem todos os pacientes precisam passar por estes cinco estágios. Outro fato é de que esta é apenas uma divisão didática, visto que os estágios não têm um tempo específico para sua transição e podem ocorrer não necessariamente na ordem acima descrita. Os estágios também poderão se confundir e entrelaçar uns com os outros.

***IHU On-Line- Como as famílias e amigos mais próximos vivem a perda? Que atitudes podem ajudar neste momento?***

**Thomas Heinann-** A notícia de que um membro está com uma doença terminal, geralmente, gera violento impacto no ambiente familiar, bem como junto aos amigos mais próximos. Muitas coisas poderão estar associadas a este fato: dúvidas sobre o diagnóstico, preocupações na tarefa do cuidado, preocupações financeiras e até crise existencial diante da realidade da morte. Tudo isso pode levar a família a uma certa desestruturação, em que o medo, a dor, o sofrimento e a culpa acabam emergindo nas relações familiares. O que se tem percebido é que os familiares e amigos mais próximos acabam passando pelos mesmos cinco estágios que o paciente terminal, ou seja, variam entre a negação, raiva, barganha, depressão e aceitação da doença. É preciso dizer, porém, que a perda é sempre um processo ímpar, singular, que gera as mais diversas reações nos indivíduos, motivadas, também, por crenças religiosas, estrutura emocional, experiências de vida, entre outros aspectos. O que pode ajudar neste momento? Lidar com morte e perda nunca é algo fácil, especialmente quando fortes sentimentos estão envolvidos. O apoio mútuo entre familiares e amigos, bem como a compreensão diante do turbilhão de sentimentos que aflora são aspectos imprescindíveis. Após a morte do familiar ou amigo, o luto precisa ser vivido, porém, como diz Heuser, “quem está de luto tem que percorrer o vale. Não pode acampar ali”. Para que o luto seja ultrapassado ritos terapêuticos são importantes: velar o corpo, cerimônias fúnebres, missas *in memoriam*, grupos de enlutados, acompanhamento terapêutico, entre outros. É preciso estar aberto à escuta da dor dos familiares. Não há como negar, porém, que um dos aspectos mais importantes no consolo a enlutados é a religião e a espiritualidade, que abarcam a dimensão da fé e da esperança, isto é, de que a morte é apenas uma passagem para uma outra forma de vida, ainda mais plena.

***IHU On-Line- De que maneira situações próximas da morte despertam atitudes e forças contrárias, de vida e solidariedade?***

**Thomas Heinann-** O ser humano desenvolveu a consciência de que a vida já pressupõe a morte. Tudo o que é dotado de vida, nesta dimensão terrena, um dia vem a morrer. Por mais paradoxal que possa parecer, a morte confirma a vida, no sentido de que ela impulsiona o ser humano a refletir sobre o próprio viver. A morte e o morrer do outro, consciente ou inconscientemente, já aponta e escancara para a própria finitude humana, inclusive a minha própria. É por isso que, diante da morte, surgem atitudes de vida e solidariedade, como forma de reafirmar esta dialética do viver e morrer.

***IHU On-Line- Algum outro aspecto que não foi perguntado e seja importante destacar?***

**Thomas Heinann-** A pessoa que se dispõe a trabalhar com pacientes terminais, ou com a morte e o morrer, precisa dar-se conta de que é um trabalho que mexe com questões muito profundas e íntimas de seu ser. Suas próprias perdas podem voltar à tona, surgem processos de identificação com seus familiares, bem como pode eclodir a sua própria angústia existencial. Portanto, o cuidador precisará ocupar-se de seu próprio cuidado, caso contrário não conseguirá se tornar um verdadeiro e eficiente cuidador, nesta situação limite da vida chamada morte e morrer.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## ENCONTRO ENTRE VIVOS E MORTOS NO CONTEXTO ESPÍRITA

### Entrevista com Sandra Stoll

*A visão antropológica da morte é também abordada nesta edição pela professora Sandra Stoll, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na entrevista que concedeu por e-mail ao **IHU On-Line**, ela também trata da questão da morte e dos mortos no espiritismo da França e do Brasil. Graduada em História pela USP, Sandra Stoll é mestre em Antropologia Social, pela Unicamp, tendo sua dissertação o título **Púlpito e Palanque: religião e política nas eleições de 1982 num município da Grande São Paulo**. Seu doutorado em Antropologia Social, realizado igualmente na USP, culminou com a tese intitulada **Entre Dois Mundos: o Espiritismo da França e no Brasil**. A professora escreveu o livro **Espiritismo à Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.*

#### **IHU On-Line- Como acontece a comunicação entre vivos e mortos no contexto espírita?**

**Sandra Stoll-** A possibilidade do encontro entre vivos e mortos é um tema que assume expressões diversas em diferentes culturas. A Antigüidade grega, por exemplo, tem em seu repertório vários mitos que narram a possibilidade da “viagem ao mundo dos mortos”. Essa é uma façanha dos heróis ou semideuses, seres que, por condição de natureza, são figuras de mediação, dada a sua ambigüidade de origem (os heróis da mitologia grega não são humanos; eles são concebidos como meio homens, meio deuses). No imaginário europeu medieval, a “viagem ao mundo dos mortos” também ocorre, sendo em geral associada a supostas “práticas de feitiçaria”, que teriam atravessado séculos de cristianização. Os processos da Inquisição constituem um acervo documental importante de registro desse tipo de relato. Portanto, a doutrina de Kardec<sup>10</sup> não introduziu um tema novo, mas supõe uma inversão de sentido: em lugar da “viagem ao mundo dos mortos”, o Espiritismo postula que os mortos transitam e se manifestam no mundo dos vivos por meio de seres humanos (chamados médiuns), manifestando-se por meio da escrita, da pintura, da oratória, da cura, etc.

---

<sup>10</sup> O espiritismo kardecista é o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese. Segundo Allan Kardec, fundador do espiritismo kardecista, “o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.” O espiritismo revela conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida. Revela, ainda, o que somos, de onde viemos, para onde vamos, qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento. O espiritismo kardecista foi apresentado no evento **Estudando as Religiões**, promovido pelo Gdirec, do IHU, em 7 de abril de 2004, pelo Ir. Antônio Cazzuni Dias, vice-presidente do Círculo Espírita Francisco de Assis, de São Leopoldo (Nota do **IHU On-Line**).

**IHU On-Line- Quais são as principais semelhanças e diferenças entre o espiritismo na França e no Brasil?**

**Sandra Stoll-** Essa questão é o tema que desenvolvo na minha tese de doutorado em Antropologia Social, defendida na Universidade de São Paulo, que foi recentemente publicada: *Espiritismo à brasileira*. Edusp/Orion, 2003. É difícil, portanto, indicar rapidamente esses pontos de aproximação e distanciamento, considerando que se trata, como pretendo demonstrar, de construções que se dão em contextos culturais absolutamente diversos. Allan Kardec formula a doutrina espírita, tendo como pano de fundo um diálogo estreito com as correntes científicas da época, então envolvidas em acirradas polêmicas em torno do tema da evolução. A ênfase em sua obra, portanto, se concentra nesse aspecto. No Brasil, a apropriação da doutrina espírita não ocorreu de forma homogênea: alguns grupos enfatizaram o aspecto experimental da doutrina, outros deram maior ênfase aos seus aspectos morais, que foram reinterpretados por meio de aproximações com o campo religioso. Essa segunda vertente tornou-se hegemônica no Brasil. No livro, demonstro que o diálogo estreito, estabelecido pelo Espiritismo com a religião dominante no País resultou na construção de um “estilo católico” de “ser espírita” – matriz do que chamo de “espiritismo à brasileira”. Chico Xavier foi o pilar dessa construção, o que demonstro por meio do relato de sua história de vida.

**IHU On-Line- A morte de entes queridos é a principal causa que leva as pessoas a se aproximar do espiritismo?**

**Sandra Stoll-** As motivações para a adesão religiosa são diversas. Frequentemente, porém, elas envolvem situações de crise pessoal: problemas de saúde, dificuldades nas relações afetivas, questões financeiras ou de trabalho, desavenças familiares e/ou conjugais, etc. A experiência da morte de alguém próximo se inclui, portanto, entre estas motivações. Nem todos, porém, que buscam em centros espíritas “comunicações com os mortos” aderem à doutrina. Afirmar nesse sentido implicaria uma pesquisa mais acurada, já que não há dados disponíveis que permitam objetivamente tal afirmação.

**IHU On-Line- Como a sociedade pós-moderna lida com a morte e os mortos?**

**Sandra Stoll-** A espetacularização da morte, promovida pelos diversos meios de comunicação constitui a forma contemporânea de experiência da morte. Sua presença reiterada em nosso cotidiano – nas ruas, nas conversas de esquina, assim como sua entrada em nossas casas por meio da imprensa, da televisão e do cinema, tem levado à crença numa suposta banalização da morte como experiência característica da sociedade contemporânea. Essas imagens não levam, porém, em conta a recepção, isto é, como os indivíduos experienciam essa forma de exposição ao fenômeno. Haveria uma “sensibilidade pós-moderna” com relação à morte?

**IHU On-Line- O brasileiro tem uma ligação forte com os antepassados? De que forma isso se expressa?**

**Sandra Stoll-** A construção de relações com os mortos, assim como com os antepassados é uma forma de expressão da memória coletiva. Portanto, ela é de fundamental importância para a constituição e atualização de identidades sociais. Instrumento da construção e invenção de tradições, esse tipo de memória é instrumento da produção da vida social e, portanto, também dos indivíduos. Sua expressão assume várias formas - nos ritos populares como o carnaval, o bumba- meu-boi, o reisado, a festa do divino, as procissões, como na cultura erudita – o teatro, a literatura, o cinema, a ópera, etc. se considerarmos que estas, dentre outras, constituem formas de construir pontes entre o passado e o presente.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## DOM, VINGANÇA, ECONOMIA E MORTE NA CULTURA GUARANI

### Entrevista com Bartolomeu Meliá

A economia e a visão da morte na tribo indígena Guarani é relatada na entrevista que segue, realizada pelo **IHU On-Line** ao antropólogo Bartolomeu Meliá, especialista em cultura guarani. Ele esteve na Unisinos ministrando duas palestras nos dias 20 e 21 de outubro de 2004, ocasião em que conversou com a nossa redação. Suas palestras intitularam-se "Os Guarani e as fronteiras nacionais no Prata" e "O dom e a vingança entre os Tupinambá e os Guarani". A promoção foi do PPG em História e do Curso de História da Unisinos. Bartolomeu Meliá Lliteras nasceu na Espanha em dezembro de 1932. É licenciado em Teologia pela Facultad de Teología de Granada, na Espanha, e doutor em Ciências Religiosas pela Université de Strasbourg, da França. Meliá é também lingüista, historiador e padre jesuíta. É membro da Academia Nacional de História do Paraguai e pesquisador do Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch (CEPAG), com sede em Assunção, no Paraguai. Dentre suas publicações, destacam-se: **El Guaraní conquistado y reducido. Ensaos de etnohistoria**. Assunção: Centro de estudios Antropológicos de la Universidad Católica, 1986; **O Guarani: Uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: Fundames, 1987; **La lengua guaraní del Paraguay; historia, sociedad y literatura**. Madri: Mapfre, 1992; **La Lengua Guaraní en el Paraguay colonial**. Assunção: CEPAG, 2003; e **El don, la venganza y otras formas de economía guaraní**. Assunção: CEPAG, 2004.

**IHU On-Line-** Como o senhor abordou o tema Dom e a Vingança entre os Tupinambá e os Guarani?

**Bartolomeu Meliá-** Tinha pensado apresentar o livro. Mas, para não me repetir, vou conversar com meus interlocutores sobre o sistema econômico de reciprocidade, que teve, na história da humanidade uma vigência enorme. A economia monetária é quase cinco minutos na história da humanidade. Uma economia que está em crise, embora não seja economista, nos obriga a buscar não exemplos, mas paradigmas, outras economias possíveis. Sobretudo essas economias que são tão pouco economicistas, nas que prevalece o intercâmbio e a comunicação das pessoas. Sabemos que o desenvolvimento humano hoje não passa necessariamente pela economia, e sim pela liberdade cultural, que é um diálogo. O último informe sobre desenvolvimento humano da ONU é sobre a liberdade cultural em um mundo diverso, porque a parte das opressões vem da escravidão cultural na qual nos encontramos, ou simplesmente das faltas de oportunidades, de justiça, de equidade cultural que vivemos. Curiosamente, essa falta de liberdade cultural se mantém graças a mitos, ou melhor, ideologias que evitam a boa economia do diálogo.

**IHU On-Line-** Quais seriam esses mitos?

**Bartolomeu Meliá-** Principalmente o de um pensamento centralizador. Ao dizer liberdade cultural, dizemos uma liberdade cultural globalizante. Os mitos nos fazem crer, por exemplo, que uma nação com muitas línguas é mais difícil de governar. É falso. As muitas línguas não impedem nem o bom governo nem a boa comunicação. Eu diria que, na Torre de Babel, o castigo não foi a diversidade de línguas. Na torre de Babel, se castiga o fato de querer ter uma só língua. Portanto a proliferação de línguas é a benção de Deus contra a única língua, contra essa vontade de chegar ao céu que tem o homem e colocar-se ele mesmo como Deus. É um projeto insensato, próprio da globalização. O pensamento único, o deus único, a língua única, o governo único, são mitos.

***IHU On-Line- Que outros paradigmas para a economia podemos ver nos povos guaranis?***

**Bartolomeu Meliá-** Eu morei com os guaranis e vivi também com outros povos, inclusive, povos recém-contatados. Pude observar uma economia sem dinheiro, sem preços, sem acumulação. É possível as pessoas viverem sumamente felizes e alegres dessa maneira. Eles podem viver sem ter inventado a roda, sem portas nas casas, sem esses bilhetes que chamamos moeda. Por experiência me encontrava com algo que quase simultaneamente encontrava nos livros, como o clássico *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowsky<sup>11</sup>, em que se fala dessa economia do dom e tem umas normas muito precisas, muito humanas, sem a mediação do chamado preço. Na selva, li *O Ensaio sobre o Dom*, de Marcel Mauss<sup>12</sup>, é um comentário de Malinowsky. Ali vi que a economia, inclusive dos chineses antigos, da Grécia antiga, dos romanos e germanos, foi uma economia do dom.

***IHU On-Line- Como entra a questão da vingança na economia dos guaranis?***

**Bartolomeu Meliá-** Entre os povos guarani e tupinambá, a vingança é a reciprocidade negativa. Existe a reciprocidade positiva, a equilibrada e a negativa. A negativa é que, quando alguém não me dá algo, então eu o arrebató, e, ao arrebatá-lo dá direito a que o outro me vingue e me arrebató do mesmo modo como eu o arrebatéi. É uma vingança terrível que pode acabar em antropofagia. Toma-se o prisioneiro e, às vezes, ele é guardado um tempo, pode estar morando ali dois ou três anos, sem ser maltratado, mas sabe que vão matá-lo. Essa vingança produz história, porque cada vingança chama outra vingança. O que chama a atenção nos guaranis é que, quando os europeus lhes mostraram o sistema de mercado, ou seja, que eles tinham que de, certa forma, “pagar” para obter o que queriam, passaram, para isso, a usar a mesma palavra que, em guarani, significa vingança. No início, os europeus adotaram o sistema do dom, da reciprocidade. Mas, chegou um momento que puseram preço. Inclusive Cristóvão Colombo, só na terceira ou quarta viagem, é que impõe o sistema de mercado. O próprio sistema de trocas é uma vingança. O dom gratuito, sem limites, não tem uma data de devolução, embora, se saiba que se dou, vou receber dom, mas sem data nem quantidade. Os guaranis notaram essa reciprocidade negativa. Se quisessem alguma coisa, vão tomá-la, por isso usaram a mesma palavra para significar vingança e sistema de mercado. Quando um guarani vai ao mercado comprar um artigo, que, para ele, é muito caro, usa uma expressão que significa “sua vingança é muito grande”. Aumentar o preço é aumentar a vingança. É como se o vendedor dissesse: “Eu estou me vingando de ti, se tu és pobre e não tens como te vingar, deves ficar calado”, é o antropofagizado. Estas considerações não são as do economista, com certeza. A economia da reciprocidade não corresponde à criação de necessidades. É uma comunicação

<sup>11</sup> MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Bronislaw Malinowski (1884-1942), antropólogo polonês nascido em Cracóvia, foi um dos mais importantes antropólogos do século XX e conhecido como o fundador da antropologia social (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>12</sup> O referido texto encontra-se no livro MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Neste livro também encontra-se o clássico “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. Marcel Mauss refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada no *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro **História Argumentada da Filosofia Moral e Política. A Felicidade e o útil**, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. Paulo Henrique Martins, entrevistado no *IHU On-Line* número 118, de 4 de outubro de 2004, tem contribuído para difundir, no Brasil, a discussão contemporânea sobre a teoria da dádiva, inicialmente revelada por Marcel Mauss. (Nota do *IHU On-Line*)

de bens que não acaba. Eu ofereço uma papaia, o outro a come, e por eu dá-la e o outro comê-la, cria-se a humanidade, que é mutua.

### ***IHU On-Line- Como eles concebem a morte?***

**Bartolomeu Melia-** O guarani não teme morrer, mas tem medo da morte. O guarani morre de uma forma muito tranqüila, inclusive no sistema dos guaranis convertidos ao cristianismo, eles sabem viver e sabem morrer. Uma explicação que alguns podem dar é que, como eles não têm heranças, não têm grandes coisas para deixar, então ficam sem sentimentos. Eu acho que não é isso, é que eles sabem viver e sabem morrer. Quando a pessoa vai morrer, a família lhe dá a notícia, “olha tu vais morrer não te preocupas, verás nossos familiares” e nomeiam os familiares mortos, abordam essa questão, inclusive com humor. Existe entre eles também um costume, segundo o qual sentem que suas vidas estão terminadas, estão completas, que podem morrer e morrem. Comem menos, vão se apagando. É como o professor que sente que cumpriu seu dever e já deve se aposentar. Não é um suicídio, é sentir que sua vida terminou, também não uma falta de sentido na vida, ao contrário um sentimento de realização. Por outro lado, é verdade também, por razões que ainda não sabemos, especialmente nos Kaiwá<sup>13</sup>, no Brasil, tiveram índices de suicídio muito grandes. Muitos suicídios realizados e o dobro, tentados. Há muitas hipóteses, uma é a de que não têm terras. Outra é que abandonaram sua religião, especialmente nessa aldeia, de Dourados, há umas sete religiões. Outra hipótese é que essas tribos deixaram os ritos de iniciação dos rapazes, e eles se encontram sem norte, são guaranis, mas quase não sabem, nem tiveram a educação formal guarani. O fato é, embora não explique a causa, que há uma espécie de sentimento depressivo muito forte que cria uma esquizofrenia da qual não podem sair e se apresenta de uma forma muito rápida: o rapaz está entre seus companheiros, sai para ir ao banheiro e se suicida. Os casos são geralmente entre adolescentes dos 9 aos 25 anos, depois dos 25, é mais raro. Tem muito a ver com desilusões amorosas, mas ainda não dá para dizer a causa. Eles não vivem para morrer. Inclusive morrem para viver, porque até o suicídio é concebido como uma passagem. A pessoa está alegre ao morrer.

### ***IHU On-Line- O que eles acreditam que acontece depois da morte?***

**Bartolomeu Meliá-** Quando a pessoa vive, tem palavra, a alma dos guaranis é a palavra. Há toda uma teologia da palavra. O guarani é uma palavra encarnada que vem como uma inspiração no corpo da mãe. Essa palavra se desenvolve, educar-se é cultivar essa palavra desde si mesmo. Há práticas que desenvolvem essa palavra: o jejum, o bom comportamento; a dança, o canto, etc. Enquanto vivemos, temos sombras, alguns duas outros três e outros mais. Mas elas não são propriamente a alma. Quando alguém morre, a alma, que é uma espécie de porção de Deus, volta sempre a Deus, ela não se destrói, não se condena, volta a Deus e, eventualmente volta-se a reencarnar, sobretudo quando é uma criança, para alegrar de novo a família. Então o primeiro ou o segundo filho dessa família é a reencarnação do filho que morreu. Essas sombras, ou alma animal, onde estão as paixões e o mal que a pessoa fez, quando ela morre, fica andando, geralmente ao redor do lugar onde morava. Haveria uma terceira alma que, com o corpo se desfaz na terra e vira uma espécie de elemento terreno que, por sua vez

---

<sup>13</sup> De acordo com dados do Cimi, de 1981 até março de 2003 foram registrados 480 suicídios de índios em todo o País. Em 2003 ocorreram 47 casos só nas aldeias dos Guaranis e Kaiwás, em uma reserva localizada em Dourados, Mato Grosso do Sul. Em 2002, foram 57 casos. Neste ano, ao menos três se mataram na reserva indígena de Dourados. Crianças de nove, 11 e 12 anos estão entre as vítimas. (Nota do *IHU On-Line*).

alimenta as plantas e a natureza. Essa alma animal ronda o lugar e quer fazer dano. Todos têm essa alma animal, menos as crianças. Inclusive, entre o povo paraguaio, colocam-se crucifixos, se rezam missas, etc., para aplacar essa alma.

***IHU On-Line- Como vivenciam a morte os mais próximos da pessoa?***

**Bartolomeu Meliá-** Antes de a pessoa morrer estão alegres. Quando ela morre começam a chorar e quebram as coisas que eram do morto. Às vezes, os familiares escondem as coisas, porque tudo o que se vê há que quebrá-lo, mas também não estão dispostos a quebrar tudo, se tem uma rádio ou objeto que querem guardar, o escondem. O pranto e a destruição dos objetos fazem parte do ritual, estão orientados a assegurar-se de que a alma animal não faça dano, não apareça, porque ao aparecer essa alma pode até matar. Antigamente, as casas onde os guaranis morriam, eram queimadas ou abandonadas, porque seus espíritos rondavam-nas como fantasmas.

***IHU On-Line- Como relacionamos a economia e os sentidos de morte dos guaranis e nas sociedades ocidentais atuais?***

**Bartolomeu Meliá-** Nossa cultura é de morte, mas não sabemos morrer. Temos um temor obsessivo da morte e, precisamente por isso, as pessoas são mortas anos antes de morrer. A morte, para os guaranis, é ficar sem palavra. Nas nossas sociedades, é tirada a palavra às pessoas idosas anos antes que morram. Se essas pessoas querem falar, parece que estão usurpando o tempo, porque dizem bobagem ou contam sempre as mesmas histórias. Matamos os idosos, porque não permitimos que continuem dialogando conosco. O mundo moderno não dialoga. A palavra não é um valor, não é uma espécie de manifestação do divino em nós. Arrasamos a morte, mas por outro lado, a adiantamos, porque à vida lhe damos a morte e não damos vida à morte. Uma situação que, às vezes, chega muito rápido para algumas pessoas, aos 50, 60 anos. Nos países mais desenvolvidos, se nota até mais.

***IHU On-Line- Isso está ligado à centralidade da economia?***

**Bartolomeu Meliá-** Eu acho que sim. Uma economia na qual intercambiamos coisas que têm pouquíssimo valor. Tantas coisas apresentadas pela mídia não me servem para nada. Eu só uso o computador e os aviões. Do que nos propõem, mais da metade é nada mesmo, são necessidades fictícias, coisas sem grande sentido. Vivemos na cultura dos meios de comunicação que é a cultura da não-comunicação. Isso é algo a ter em conta. Certas abordagens que até o momento não eram objeto de estudos dos intelectuais estão se encaminhando na direção de recuperar a economia da comunicação, da reciprocidade, da moderação. Eu não preciso ter dez pares de sapatos. Esse desperdício faz com que a falta de diálogo dos que têm muito, impeça, também, o diálogo dos que não têm nada, porque, por causa da economia da abstenção, não podem se comunicar, pois nossa palavra se sustenta em nosso corpo e, se o corpo não tem o mínimo para viver, também não se comunica.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## UM DIREITO BASEADO NO CULTO AOS ANTEPASSADOS

### Entrevista com Justino Adriano F. da Silva

*O professor na Unidade de Ciências Jurídicas da Unisinos, Justino Adriano da Silva, conversou com o IHU On-Line sobre o tema do direito funerário, que traz questões candentes relacionadas ao tema de capa que na edição desta semana discutimos. Graduado em Direito, Filosofia e História, Justino Adriano é mestre em*

Filosofia pela PUCRS, tendo sua dissertação o título **A Meditatio mortis de Basave del Valle**. O professor também é doutor em Ciências Jurídicas pela Universidad Del Museo Social Argentino. Sua tese intitula-se **Derecho Funerario, una Nueva Rama del Derecho (Bases para su Autonomia y Contribuciones para un Sistema Juridico)**. Justino é autor de **Pequeno Opúsculo sobre a Vida e Obra de Pontes de Miranda**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981; **Contrato de Transporte de Coisas**. Rio de Janeiro: Aide, 1986; **Direito Funerário Penal**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1992; **Tratado de Direito Funerário**. São Paulo: Método, 2000. A entrevista que segue foi feita pessoalmente, na sede do Instituto Humanitas Unisinos.

**IHU On-Line - De que trata o direito funerário?**

**Justino da Silva** - O direito funerário seria um ramo novo no Direito que, por meio de princípios e regras, regula as relações que se estabelecem em decorrência da morte de uma pessoa natural, disciplinando o destino digno do cadáver, bem como regulando o exercício de direitos sobre os bens funerários, isto é, sobre as sepulturas e sobre os cemitérios, visando à preservação do culto aos antepassados. O objeto, em sentido amplo, seria, portanto, o culto aos antepassados. Em sentido estrito, regular o destino do cadáver, regular os serviços funerários, as inumações, cremações, exumações; dizer quem tem melhor direito sobre o cadáver entre os familiares e assim por diante.

**IHU On-Line - Quando o senhor diz que é recente, seria a partir de quando?**

**Justino da Silva** - O direito funerário é um ramo novo do Direito, que começa agora a se estruturar e se estabelecer, mas que, na forma latente, é um dos mais antigos ramos do direito. Na Mesopotâmia, bem antes do Código de Hamurabi, 2 mil anos antes de Cristo, já existiam normas, regulando os serviços funerários. Depois, na Grécia, a tragédia grega Antígona, vai nos mostrar basicamente o conflito do direito natural com o direito dos homens, o direito positivo, em que Creonte proíbe que o morto seja sepultado na cidade, e Antígona, desrespeitando a ordem do direito positivo vigente, observa um direito natural e afronta o tirano, sepultando aquele que tinha esse direito. O primeiro conflito que se encontra na história da humanidade entre direito natural e direito positivo é justamente uma questão de direito funerário, só que este direito permaneceu latente e se explica isso pelas características da sociedade individualista, como esta em que vivemos. A morte é tida como um tabu, escandaliza, e por isso nunca houve uma preocupação em se disciplinar, em regulamentar, em estruturar um ramo autônomo do direito.

**IHU On-Line - Quais as conclusões que mais lhe chamaram a atenção na pesquisa sobre o sentido da morte?**

**Justino da Silva** - Entendemos que o homem não é um ser-para-a-morte, como diz Heidegger, mas um ser-para-a-salvação. O homem está sempre incompleto, procurando a sua completude, que vai se realizar no momento da morte. Portanto, no nosso entendimento, a morte não é contrária à vida, não se antepõe à vida, não está fora da vida, mas integra a própria vida, pois a morte é vivida todos os dias. Uma sociedade não individualista, mais solidária, não pode questionar a vida senão enfrentando a morte.

**IHU On-Line - Como as sociedades individualistas, não-tribais enfrentam a morte?**



**Justino da Silva** - Roberto Da Matta, em *A casa e a rua*<sup>14</sup>, tem um capítulo sobre a morte. Ele sustenta que, nas sociedades individualistas como a nossa, fala-se na *morte* e não se fala no *morto*. Nas sociedades solidárias, ao contrário, não se fala da *morte*, mas se fala do *morto*. Na sociedade moderna, nós escondemos a morte, nós passamos da idéia de *imortalidade* para a idéia de *amortalidade*. A morte escandaliza, porque ela não faz parte do processo de produção capitalista. Exemplo disso é a introdução das flores de plástico nos cemitérios. Isso faz parte da ideologia moderna, ou seja, para evitar a peregrinação aos cemitérios, aos locais destinados aos mortos, se faz uma série de substituições eufemísticas, até para fazer com que os familiares fiquem cada vez mais no processo produtivo, na cadeia de produção. Na sociedade individualista, o que não traz resultados econômicos é descartado e desprezado.

**IHU On-Line – Que outros exemplos expressariam esse distanciamento contemporâneo da morte?**

**Justino da Silva** - Um exemplo mais evidente é o da cremação. Com a cremação, de uma maneira generalizada, vai se abolir, inclusive, o cemitério da topografia da cidade, ou seja, nem no dia 2 de novembro teremos que parar de produzir. Não teremos que fazer a peregrinação aos cemitérios, porque não existe mais um túmulo. Esse é o exemplo mais típico da ideologia capitalista. A cremação sempre foi usada nos povos antigos, na Grécia, em Roma, mas ela não tinha as preocupações que têm na sociedade moderna. Por exemplo, muitos casos de cremação, em Roma, se dava para facilitar o transporte dos ossos para serem sepultados. Durante as batalhas de conquista de expansão territorial, as dificuldades, os recursos da época, a rapidez com que ocorre a putrefação cadavérica, etc., faziam com que se fizesse a cremação das partes mais moles do corpo para poder transportar os ossos e fazer o sepultamento digno, como mandavam as normas. Naquela época, não se dispunha de instrumentos de conservação de cadáveres, como temos hoje. Muitas vezes, por exemplo, na Grécia, a cremação tinha mais efeito religioso. A água, o fogo, a terra e o ar são elementos que sempre preocuparam o homem. Esses quatro elementos estão presentes no rituais fúnebres. Entre nós ocidentais, sempre prevalece a idéia de inumação, do sepultamento propriamente dito, em função do dogma, da religião cristã, de que o homem veio do pó e ao pó deve voltar. A própria palavra “homem” vem de *húmus*, que significa substância rica em colóides<sup>15</sup>, que é a terra. “Humilde” é outra palavra que tem a mesma raiz. Por isso todo homem é um ser humilde, aquele que “se curva diante de”, aquele que reverencia. Na Grécia, a cremação se realizava, muitas vezes, para libertar a alma, a *psique*. O próprio Sócrates diz que o filosofar é uma preparação para a morte. E quando ele se refere ao corpo, afirma que o corpo é um barco do qual nós precisamos para atravessar o rio, mas uma vez atravessado, nós temos que nos liberar dele o mais rápido possível para facilitar a nossa caminhada que deve continuar. O fogo é símbolo de purificação, mas a cremação tinha, então, um sentido mais religioso do que mercantilista como hoje tem.

**IHU On-Line - Há algum elemento na sociedade atual que mostre uma preparação para morrer?**

**Justino da Silva** - Na Idade Média, predominava essa idéia de preparação para a morte. Além de ato religioso, era social também. A partir do Renascimento, começa a se alterar esse modo

<sup>14</sup> DAMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Roberto DaMatta é professor de Antropologia da Universidade de Notre Dame (EUA). Ele concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* na 116ª edição, de 21 de setembro de 2004 (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>15</sup> Corpo que não se cristaliza, ou só se cristaliza muito dificilmente e que, em dissolução, se difunde com lentidão extrema (Nota do *IHU On-Line*).

de ver a morte e, tanto no plano religioso como no plano social, a morte vai deixando de ser um ato religioso e vai se transformando num ato secular, laico, a ponto de, no final do século XIX os próprios cemitérios deixarem de pertencer à Igreja e passarem a ser administrados pelo poder público, pelo Estado. Há uma transformação, um deslocamento do mundo da morte que sai do âmbito religioso e familiar e passa para o âmbito civil. Passando para o âmbito civil, há esse descuido, essa “despreparação” e por isso o grande medo que as pessoas têm hoje da morte. Por isso o grande problema do homem do século XXI é a morte. Não se fala nisso, porque se tem medo disso. São poucos aqueles que questionam, que investigam, que enfrentam a morte. Numa atitude ilusória de que não tratar da morte se vai contornar o problema, a sociedade moderna tem menosprezado esse tema.

**IHU On-Line - O fato de vivermos em sociedades muito violentas, não faz com que se oculte, cada vez mais, a questão da morte?**

**Justino da Silva** - Eu penso que é o contrário. É porque nós não tratamos adequadamente da morte que nossa sociedade é violenta. Quando existir uma preocupação constante do homem para a questão da morte, ele verá, ele reconhecerá, ele enxergará a brevidade da vida. E, enxergando a brevidade da vida, ele necessariamente terá que optar por fazer da sua vida uma preparação para a morte. E uma preparação para a morte implica, automaticamente, em não-violência, porque desconsiderar o papel da morte é o que possibilita essa violência, a matança do outro. Para o que mata não tem sentido a morte, porque ele não questiona a morte. É um ato banal como qualquer outro, como fazer uma refeição. Se tivesse uma conscientização do papel, do sentido último da morte, se daria muito mais valor à vida. O que nos deve preocupar não é justamente a certeza presente da morte, mas o futuro incerto da vida.

**IHU On-Line - A distribuição dos bens caberia ao direito funerário?**

**Justino da Silva** - Não faz parte do direito funerário, mas pode ter implicações nele. Entendo que o Direito, ao preocupar-se demasiadamente com a pessoa, se esquece do homem. Pessoa é um conceito jurídico, embora não tenha sido elaborado pelo direito romano; foi elaborado pela Igreja nos primeiros séculos, durante a Patrística ainda, por volta do século III, até em função da doutrina da trindade. Todos os códigos civis dizem que, de um modo geral, com a morte extingue-se a personalidade. Isso significa que, com a morte, extingue-se a pessoa. Não tem mais direito, desaparece. Só que o homem não desaparece com a morte. O direito está preocupado com o papel social que o homem representa, e isso chama-se pessoa. Pessoa (*de personare*) era um instrumento que se usava para ressonar a voz no teatro na Antiguidade, para todos ouvirem. Mas este instrumento de som, que se usava na boca, acabava encobrendo o rosto. O que se enxergava era só a aparência da pessoa, do homem, e não o homem, propriamente dito. O ator Tarcísio Meira, em uma novela, tem outro nome, trata-se de um papel que ele está desempenhando. Esse não é o verdadeiro homem. Assim é a pessoa, ora sou professor, ora sou procurador, ora sou aluno, ora sou pai de família. São papéis sociais que nós desempenhamos. Mas o homem continua sempre o mesmo. Com a morte, desaparece a pessoa, mas o homem, como ser humano, continua existindo, naquilo que nós todos somos iguais, na essência. Meu conceito de espírito é mais ou menos o conceito de Max Scheler<sup>16</sup>. A

<sup>16</sup> Max Scheler (1874-1928) é conhecido como o filósofo dos valores. Scheler nasceu em uma família judaica. Na sua juventude converteu-se ao catolicismo, do qual se foi gradualmente distanciando depois de 1923, aproximando-se de um panteísmo inspirado em Spinoza e Hegel. Ensinou nas Universidades de Iena, Munique e Colônia. Suas principais obras são *A Natureza da Simpatia* (1913), *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* (1913), *O Eterno no Homem* (1921), *Formas de Conhecimento e Sociedade* (1926), e *O Lugar no Homem no Mundo* (1928) (Nota do IHU On-Line).

honra faz parte do espírito. Isso continua existindo. E o próprio Direito, de certa forma, para usar a expressão kantiana, tem uma antinomia, uma pseudocontradição, pois temos várias disposições legais em que há uma contradição com esse artigo que diz que, com a morte, se extingue a personalidade. O Código do Processo Penal, por exemplo, tem um artigo que afirma que, no processo de reabilitação criminal daquele réu que já foi condenado, se ele morrer, o juiz nomeará curador especial e prosseguirá o processo. No fim, sendo julgada procedente a ação, vai ser reabilitado. Quem vai ser reabilitado se não existe mais a pessoa? É o homem que existiu naquela pessoa. O próprio Direito, muitas vezes, não se apercebe dessas questões. A questão sucessória, de que você falou, é do direito civil. Mas tem certas implicações importantes no direito funerário. O testamento, no fundo, é uma procuração que o falecido outorga para o testamenteiro, para continuar representando-o. Ou seja, como a procuração, mais tecnicamente chamada de mandato, extingue-se com a morte do mandante, a alternativa que se encontrou foi deixar, em testamento, disposições relativas a seus bens.

### ***IHU On-Line* - A decisão sobre doação de órgãos do cadáver para transplantes é matéria do direito funerário?**

**Justino da Silva** - Não existe doação de órgãos. Não podemos doar o que não é nosso. Nós não temos direito de propriedade nem sobre o corpo, muito menos sobre os órgãos, a não ser certas partes destacadas do corpo, que têm autonomia, como o cabelo, unhas, leite, sangue, esperma. Isso pode ser separado da coisa que o produz, pode ser objeto de direito de propriedade, uma vez individualizado. O que pode haver é cessão de direitos sobre um órgão, por exemplo. A nossa lei de transplante de órgãos fala que, feito o transplante, o corpo deve ser dignamente reconstituído. Demonstra mais uma vez que, apesar de se aproveitar de um órgão, em função do avanço da ciência moderna, sempre há a preocupação com a dignidade e o respeito ao cadáver. Nessa parte de transplante, com o progresso da ciência e a evolução da técnica, acho até que, com as campanhas que vêm sendo feitas, tem havido mais conscientização. Mas também seria de questionar, e na bioética se questiona, até que ponto podem-se fazer essas campanhas, porque me parece que isso se insere nesse contexto de que estamos falando inicialmente, de só se questionar a vida, só a preocupação com a vida.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## **DESTAQUES DA SEMANA**

### **Entrevista da Semana**

#### **O CORPO E AS NOVAS TECNOLOGIAS**

##### **Entrevista com David Le Breton**

*O sociólogo e antropólogo David Le Breton foi entrevistado, por e-mail, pelo IHU On-Line. O tema da entrevista dá continuidade ao debate suscitado na matéria de capa da 120ª edição do IHU On-Line, de 25 de outubro de 2004, que tratou do mundo desconhecido das nanotecnologias. David Le Breton é professor de sociologia e antropologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Estrasburgo. Ele é autor de, entre outros, **Usages culturels du corps**. Paris: L'Harmattan, 1997; **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1998 e **Signes d'identité**. Paris: Éditions Métailié, 2002; **L'adolescence à risque**. Paris: Hachette Pluriel, 2003; **Les conduites à risque**. Paris: PUF, 2004. O livro **Adeus ao corpo. Antropologia e***

*sociedade*, de David Le Breton. Campinas: Papirus, 2003, foi apresentado no último dia 12 de agosto, no evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU, pelo Prof. Dr. José Roque Junges, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos. Por ocasião desse evento, foi traduzida e publicada no **IHU On-Line** n.º 110, de 9 de agosto de 2004, uma entrevista com o autor do livro, David Le Breton.

**IHU On-Line- Em que medida o sentido da existência humana está ameaçado pelo avanço da tecnociência e seu apelo à exaltação de um corpo reificado?**

**David Le Breton-** Nossas sociedades não consideram mais o corpo como um destino, uma cepa identificadora radical, mas como um acessório da presença, uma forma a ser posta em cena ou reconfigurada da melhor maneira possível. A fragilidade do corpo, sua vulnerabilidade à doença e ao envelhecimento são hoje intoleráveis. O corpo sempre tem sido o grão de areia irônico que recorda ao homem a humildade de sua condição. Atualmente, a vontade de poder de nossas sociedades não o aceita mais, não suporta mais esses limites nos quais estamos encerrados. Donde a emergência desse discurso religioso, neognóstico, que se exalta com a idéia de que nós entraremos num mundo “pós-evolucionista”, “pós-biológico”; os americanos falam atualmente em “pós-humano”. Uma ala radical da tecnociência pretende remanejar este corpo, reconstruí-lo a fim de torná-lo eficaz, em total performance e durável. Sonha-se em acoplar a informática e a carne, esperando desembaraçar-se da carne. Geneticistas nos afirmam sem rir que bem cedo as doenças terão desaparecido da superfície da terra. Cada sociedade fantasiou sobre as fontes da juventude, e as nossas não escapam disso, apenas lhes falta terrivelmente o humor. Quer-se mudar o corpo para mudar a vida, mas é a vida que nos muda. Há uma supervalorização da técnica como instrumento de salvaguarda do mundo. Cai-se, de maneira ingênua, no mito do “progresso” da ciência, confundindo progressão das técnicas e “progresso” moral, quando, a meu ver, há uma relação inversa. Parece-me que o mal-estar de nossas sociedades - e o que dizer das outras, alhures no mundo, - é muito grande atualmente. O desprezo do corpo, o sentimento de que a técnica é o único horizonte desejável, nos desenraíza de nossas existências, porque a condição humana implica presença real dos outros em torno de si. O autismo não é um valor social. A exaltação do corpo coisificado é o fantasma irrisório de quem abandona toda a soberania sobre sua existência, para entregar-se às técnicas.

**IHU On-Line- O senhor recomenda que façamos uma pausa no que diz respeito à tecnociência e nos ocupemos da vida. Mas a cibercultura não pode ser colocada a serviço da vida? Ela conduz, inevitavelmente, à transformação do corpo em “um acessório de presença”?**

**David Le Breton-** Os valores que nos regem são os do mercado: a comunicação (contra a palavra), a urgência (contra o passo do homem), a eficácia (contra a expansão de si no trabalho), a utilidade (contra o dom, a gratuidade), o dinheiro (contra o tempo), a competição (contra a sociabilidade). Isso não são valores de expansão do homem ou do estreitamento do laço social, mas uma pavorosa corrida para diante, no decurso da qual o outro, que não seja eu, é um cúmplice ou um obstáculo, - provisório, bem entendido, já que os dados se invertem facilmente. A questão do gosto de viver me parece ser a questão essencial. O progresso da ciência nada tem a ver com o progresso moral. As técnicas são apenas meios, mas elas tendem a tornar-se fins em si mesmas. Quando se vê o mau modo de viver de nossas sociedades ocidentais, o medo do futuro, o terrível fosso que se abre entre os ricos e os pobres, entre as sociedades ocidentais e as outras, só se pode tirar a conclusão de que é tempo de se fazer uma pausa, de se aproveitar dessas riquezas, repartindo-as de maneira mais justa, de tomar o tempo de viver. Neste mundo em que as técnicas abundam, o sentido desaparece. A

felicidade dos homens não se tece na acumulação das técnicas, mas no sentido de que eles dão à sua existência. Eu sou, acima de tudo, favorável a um outro uso das técnicas, e fortemente oposto à sua fetichização atual, quer se trate da genética, quer da Internet. O sabor do mundo vem dos sentidos, do fato de ver, de entender, de tocar, de degustar, de sentir. Eu penso como Jankélévitch<sup>17</sup>, de que nos incumbe conjurar a mortalidade, que é a nossa, pelo fervor de existir. Quando se mantém a cibercultura como um simples utensílio, sem fetichizá-la, as coisas são diferentes; eu mesmo a utilizo um pouco, mas, a verdade é que a Internet me toma pouco tempo cada dia, e se não houvesse o correio eletrônico, eu me livraria dela facilmente, pois eu prefiro a leitura e os encontros reais. A cibercultura é faca de dois gumes, ela veicula o pior e o melhor. Mas, creio que o preço a pagar pelo pior não vale que se mantenha o melhor. Certamente se pode dizer que a cibercultura é uma arma para aqueles que se batem contra a mundialização econômica e por mais humanidade, pois ela procura informações preciosas. Ela permitiu, porém, a mundialização do terrorismo, a organização de redes de pedofilia, ela procura a possibilidade de uma vigilância infinita dos usuários e mil outras coisas igualmente prejudiciais para as democracias e as liberdades individuais. Mas, nós não estamos lá. Eu creio que a cibercultura nos enriquece por uma parte, mas ela nos torna mais vulneráveis. No entanto, ela deve permanecer como um simples utensílio.

***IHU On-Line- O uso de tatuagens e de piercings, por exemplo, revela a adoção de um padrão de beleza necessariamente subordinado aos poderes alienantes da tecnociência?***

**David Le Breton-** Por muito tempo, o corpo estava aprisionado por uma sacralidade que impedia que ele fosse modificado em profundidade. Hoje o corpo pode ser transformado sem grandes cuidados em romper interditos; transexualismo, língua dividida, implantes subcutâneos, sonho de adição de *chips* eletrônicos à carne, etc. Se o corpo não é mais raiz identificadora, mas simplesmente matéria-prima disponível para produzir uma boa versão de si, então realmente não há mais limites. As marcas corporais implicam uma vontade de atrair o olhar, de fabricar uma estética da presença. Elas permanecem sob a iniciativa do indivíduo e encarnam, então, um espaço de sacralidade na representação de si. A superfície cutânea irradia uma aura particular. Ela acrescenta um suplemento de sentido e de jogo à vida pessoal. Ela é, com frequência, vivida como a re-apropriação de um corpo e de um mundo que escapam. Inscreve-se nele fisicamente a sua própria maneira de ser, toma-se posse de si, inscreve-se um limite (de sentido e de fato), um sinal que restitui ao sujeito o sentimento de sua soberania pessoal. A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele, ela fixa um alvo na busca de significação e de identidade. O indivíduo brinca com as referências, as tradições e constrói um sincretismo que se ignora; a experiência da marca torna-se, então, uma experiência espiritual, um rito íntimo de passagem. Na falta de se exercer um controle sobre a sua existência, o corpo é um objeto ao alcance da mão, sobre o qual a soberania pessoal quase não tem entraves. Serão as marcas corporais uma reação à cibercultura? Eu penso que elas não têm nenhuma relação com ela. Elas não são a tentativa de investir a carne num mundo de tecnologias, elas se inscrevem em outro lugar, numa busca de proclamação de si, de estetização de si.

---

<sup>17</sup> Vladimir Jankelevitch (1903-1985). Filósofo francês que, com apenas 23 anos, foi enviado a Praga como professor no Instituto Francês e em 1935 se doutorou em Letras. Foi discípulo de Henri Bergson, sobre o qual escreveu seu primeiro livro *Henri Bergson* (1931). Escreveu as obras filosóficas, *Traité des vertus* (1949), *Philosophie première* (1954), *Lo no sé qué y lo casi nada* (1957), *Lo puro y lo impuro* (1960), *La muerte* (1966) e *La paradoja de la moral* (1981); assim como reflexões sobre o mundo da música, *Fauré* (1938), *Ravel* (1939), *La Rapsodia* (1955), *La Musique et l'ineffable* (1961), *La vida y la muerte en la música de Debussy* (1968), *Liszt y la Rapsodia: ensayo sobre la virtuosidad* (1979), e *La presencia lejana. Albéniz, Séverac, Mompou* (1983). A maior parte de sua extensa obra filosófica gira em torno dos problemas da experiência da vida cotidiana (Nota do *IHU On-Line*).

**IHU On-Line- O corpo, em si, historicamente, já foi suficiente para assegurar uma existência plena? A relação do homem com o seu corpo não esteve sempre sob a influência de alterações tecnocientíficas?**

**David Le Breton-** Não, sem dúvida. Sob uma forma ou outra, as sociedades remanejam, culturalmente, o corpo de seus membros. Os sinais corporais são, por exemplo, sinais de demarcação com a natureza e as outras comunidades de pertença, ou a busca de uma singularidade pessoal numa trama comum. Eles são susceptíveis a diversos significados, por vezes, simultâneos: sexualização, passagem à idade adulta, beleza, decoração, erotismo, fecundidade, valor pessoal, hierarquia, proteção, adivinhação, propiciação, luto, estigmas, etc. Eles são indelévels ou provisórios. Acrescenta-se ao corpo (tatuagem, maquiagem, escarificação, jóia, implante subcutâneo, recapagem dos dentes, incrustação dentária, etc.), subtrai-se (circuncisão, excisão, infibulação, depilação, mutilação, perfuração, extração ou limagem dos dentes, etc.), modela-se uma ou outra dessas partes (pescoço, orelha, lábios, pés, crânio). Todas as sociedades humanas burilam o corpo, mas nenhuma mantém um discurso de desprezo ou de insuficiência, como o faz uma ala puritana, certamente minoritária, da cibercultura. O desprezo do corpo é uma forma do desprezo de si, o que não é verdadeiro para todas as sociedades humanas. Em algumas, as transformações do corpo realçam uma dimensão lúdica ou uma construção de si próprio.

**IHU On-Line- O senhor não acredita que o virtual anule o existencial. Se assim é, que lugar ocupa a idéia de “cibersexualidade” na sociedade, de acordo com as suas pesquisas?**

**David Le Breton-** O virtual não anula o existencial, ele lhe dá um outro estatuto. A cibercultura procura, sem dúvida, sensações e prazeres bem reais, apoiando-se num imaginário do outro, numa desencarnação, no desaparecimento de sua fisionomia. No ciberespaço, o sujeito se libera dos constrangimentos da identidade, metamorfoseia-se provisória ou duradouramente, naquilo que ele quer, sem temer o desmentido do real. Os canais, os caracteres sexuais, a idade, são objetos de uma descrição cuja origem é inverificável e que autorizam toda e qualquer licença. Imaterial, o sujeito se reduz estritamente às informações que ele dá. Seu corpo não corre mais o risco de traí-lo e de fazê-lo ser reconhecido. A rede favorece a pluralidade de si próprio, favorece a todo o momento a possibilidade de desaparecer. Toda a responsabilidade se desfaz. Além disso, é dada uma chance às pessoas obstaculizadas ou gravemente enfermas para se moverem ao seu modo, sem temor das dificuldades físicas, ou para encadearem comunicações sem temer a estigmatização. O peso do corpo é desfeito, quaisquer que sejam a idade, a saúde, a conformação física; os internautas estão num plano de igualdade, pelo fato, precisamente, de porem entre parênteses o corpo. A sexualidade torna-se textualidade e faz a economia do corpo. Há uma troca de bons procedimentos, cujo prazer está à disposição. Na rede, um bom número de internautas troca de sexo e gargalha com a idéia de pregar uma peça ao outro. O contato virtual, dados contra dados, tomar o lugar do contato corpo a corpo. A pele é uma tela. O tátil se converte em digital, o teclado substitui a pele, o *mouse* substitui a mão. E o interativo suplanta o dialógico. As identidades sexuais se dissolvem, já que ninguém mais está seguro do sexo ou da aparência de seu parceiro em interface e que cada um é suscetível de endossar numerosas definições provisórias de si, segundo as circunstâncias. A identidade está em modulação variável, o ciberespaço permite um carnaval permanente, ele conduz a lógica da máscara ao seu auge. Uma vez dissimulada a fisionomia, tudo é possível. O interlocutor invisível está sem possibilidade de visão, além de toda a moral, e então, sem poder de julgamento. A presença mútua é um feixe de informação despidido de

carne. Eliminar concretamente o corpo da sexualidade é o melhor meio que existe de ser posto fora da condição de prejudicar a sexualidade. O contato exige, com efeito, que se saia de sua reserva pessoal, que a gente se submeta à prova do corpo, sendo confrontado com uma difícil alteridade, eventualmente portadora de dano físico ou moral. O único risco do cibersexo é o de um curto-circuito no dispositivo, ou de um fio desencapado nos vibradores. A sexualidade telemática inventa uma dimensão elegante e pós-moderna do onanismo, fazendo da imagem mental um resíduo arcaico em proveito da simulação, isto é, de um não-lugar, nem mental, nem real, sendo, ao mesmo tempo, um e o outro. A Aids reforçou o desprezo pelo encontro do corpo, tornando-o um lugar perigoso e suspeito. A América contemporânea reata com o puritanismo e exhibe, por vezes, abertamente um desgosto ou um mal-estar profundo diante da sexualidade. A sexualidade sem corpo do ciberespaço é, sem dúvida, um sintoma disso, ela poupa todo e qualquer risco de contaminação, e nada estimula a sair do conforto da vida pessoal: não há mais necessidade de sair de casa e de se furtar aos riscos da sedução e do encontro.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Livro da Semana

### **GARZANTINA DI FILOSOFIA. NOVA EDIÇÃO. MILANO: GARZANTI, 2004**

Gianni Vattimo, filósofo italiano e deputado do Parlamento Europeu é professor de Filosofia na Universidade de Turim. Ele foi entrevistado por Bruno Ventavoli para o jornal **La Stampa**, que publicou a entrevista que segue, por nós traduzida ao português, em 19 de outubro de 2004. A nova Garzantina contém uma seção dedicada às 300 obras fundamentais do pensamento humano e é sobre ela que fala o organizador, Gianni Vattimo. Considerado um dos maiores filósofos europeus, Vattimo é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos **La fine della modernità. Nichilismo ed ermeneutica nella cultura post-moderna: un significativo contributo all'attuale dibattito filosofico** (1985) (**Fim da Modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna: uma contribuição significativa ao atual debate filosófico**, São Paulo: Martins Fontes, 1996), **Il pensiero debole** (Pensamento fraco, não traduzido para o português), **Credere di Credere** (1996) (**Acreditar em Acreditar**. Lisboa: Relógio D'água, 1998); a tradução francesa intitula-se **Espérer Croire**, Paris: Seuil, 1998) **La Religion: séminaire de Capri** (em colaboração com Jacques Derrida), Paris: Seuil, 1996. O último livro de Vattimo é **Dopo la cristianità. Per un cristianesimo non religioso**, Roma: Garzanti, 2002 (em português **Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro: Record, 2004). **IHU On-Line** entrevistou Gianni Vattimo na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003.

Cada vez mais a filosofia sai das salas de aula, entra nos teatros, nas arenas, nos espaços abertos da sociedade. Existe, seguramente, a reivindicação do “evento”, porque basta inventar qualquer salão, até mesmo da “lombriga” da Malásia, para atrair multidões. Mas, no nosso caso, o discurso é mais complexo. Aqui desabrocham as inquietudes e as incertezas do Ocidente diante de questões cruciais. A filosofia não é mais apenas um sinônimo de gênios distraídos, com a cabeça de tal forma entre as nuvens, que não se apercebem dos poços e despencam neles. Hoje, falar de filosofia significa confrontar-se com a complexidade do mundo sob todos os aspectos, mesmo aqueles que nos tocam diretamente. Quando vemos o capitalismo enlouquecer nos escândalos financeiros, quando procuramos definir os direitos e os

deveres dos cidadãos, a globalização, os mecanismos de decisão da vida e da morte, a clonagem e a eutanásia, nos damos conta de que os instrumentos jurídicos e científicos à nossa disposição são insuficientes. E volta a ser moda o pensamento crítico que busca, reformula questões, rediscute certezas, desmascara fantasmas. Nesse clima de sucesso midiático, sai a nova edição da Garzantina filosófica, que enfrenta o saber humano da antiguidade até hoje, em três mil verbetes, de A como *Abbagnano* a Z como *Zwinglio*, do pai do existencialismo italiano à reforma suíça, passando por todas as novas correntes do pensamento moderno, do pensamento feminista ao teológico, da filosofia da mente à bioética, da hermenêutica ao desconstrucionismo. Gianni Vattimo é o coordenador, em colaboração com Gaetano Chiurazzi.

**Professor Vattimo, a filosofia está se tornando cada vez mais um evento espetacular que enche os teatros. O que sucede?**

Eu começarei dizendo, muito brutalmente, que a gente está farta da TV. Há formas e conteúdos de comunicação que se consumiram no seu conjunto, como o cinema, que enfrentou uma crise por culpa da “telinha”. E a própria televisão se consumiu por si, multiplicando-se, tornando-se menos excepcional. Constato-o em mim mesmo, não é só que eu me envergonhe de vê-la, porque, na Itália, toda ela é de propriedade de Berlusconi, mas também porque não encontro mais nada que me interesse. Mas, deixando o fastio da TV à parte, creio que a popularidade da filosofia depende indubitavelmente da gravidade dos nossos problemas. Antes de ir a Lourdes, fazemos ainda uma tentativa de entender as coisas com os conceitos de que dispomos. E os problemas da bioética, da política, da relação entre mundos culturais diversos são muito graves.

**De que modo a filosofia pode nos ajudar a resolver os problemas da modernidade?**

Vem-me à mente Wittgenstein, que dizia: “A filosofia só pode livrar-nos dos ídolos”. A filosofia tem, no fundo, uma situação mais negativa que positiva, no sentido de que um indivíduo que tenha lido muita filosofia, nem sempre é um homem de fortes convicções. Nisto, paradoxalmente, existe uma espécie de equívoco, também no desejo difuso de filosofia. Quem se volta para a filosofia, pensa realmente encontrar um substitutivo da religião? Não, não creio. Penso que estejam procurando encontrar um abrandamento dos problemas deles e dos outros. Eu vivenciei diretamente esta popularidade dos festivais, por muitos anos. Até começo a envergonhar-me um pouco, quando falo pelo décimo primeiro encontro. Não esperamos que alguém lhe explique exatamente como vai o mundo, ou qual é o sentido da vida. Quer mobilizar livremente alguns conceitos. A filosofia, como dizia Wittgenstein, nos libera dos ídolos, nos libera das devoções por qualquer tipo de divindade. Tomemos como exemplo o sucesso dos cafés filosóficos em muitas metrópoles ao redor do mundo; o público frequenta mais para falar do que para escutar, escuta no início e depois começa a intervir. Quero dizer que esses são todos os sintomas de que, na filosofia, esperamos um lugar de atividade intelectual, antes mesmo do que um ensinamento a receber e aceitar”.

**Neste momento de retorno do sagrado, ante tantos extremos religiosos que procuram sobrepor-se, a filosofia, que desmonta os ídolos e os dogmas talvez possa fazer bem.**

Sim, mas nutro muitas dúvidas também sobre o significado do retorno do sagrado. De uma parte, a tarda modernidade produz uma confusão das línguas: há mais islamitas e mais budistas na nossa vizinhança hoje do que há vinte anos; de outra parte, no entanto, este fenômeno restitui atualidade a culturas que têm do mundo visões religiosas. Em suma, enquanto, aqui na Itália, formos apenas católicos, podemos também, tudo somado, crer moderadamente; o bom modo de ser católico italiano, no fundo, é aquele de não crer tanto. Se,



todavia, nos encontramos diante de outras posições, onde a observância dos preceitos é rígida... os muçulmanos, por exemplo, começaram o Ramadam, e muitos deles jejuam realmente... Então devemos reconsiderar a nossa própria identidade, da qual nos havíamos esquecido um pouco, porque não era posta em discussão por ninguém. Se todos somos cristãos, podemos crer moderadamente no nosso Deus. De outra forma, não.

**E é preciso acrescentar que a própria experiência filosófica do último século é mais crítica do que construtiva.**

Sim, destroem os ídolos, mas sentimos ainda a necessidade de recuperar uma religiosidade que não seja aquela idolátrica à qual éramos habituados. É um conjunto de fenômenos que ocorrem bastante seriamente em torno do sagrado, e que não significam a ressacralização da sociedade. Será, então, que a Igreja lamenta que está se secularizando, porque não há mais padres suficientes para exercer suas funções clericais? Não, ela o lamenta, porque realmente acontece “também” isso, porque há uma dependência menor da sacralidade, tradicionalmente entendida, pois existem as seitas. Existe um ambiente mais móvel do empenho pessoal, da visão do mundo. E a filosofia permeia por todas estas coisas.

**Percorrendo a Garzantina, os nomes dos filósofos, pareceria que a filosofia seja um saber principalmente ocidental.**

Efetivamente é assim, ela se desenvolveu no nosso mundo. Ocorreu-me ir certa vez ao Japão, onde pedi para falar com um filósofo no Instituto que me convidava. Faziam-me encontrar, ou um japonês que tinha estudado em Heidelberg, ou então um monge budista. Como dizer? Não era tão fácil encontrar um filósofo como eu.

**Se em muitos sentidos a filosofia é uma disciplina ocidental, significa que os outros não a podem entender?**

Isso não o creio. A filosofia simplesmente é uma forma cultural bastante característica do Ocidente e que procura, seriamente, não se identificar, sem mais, com o modo de vida ocidental. Por exemplo, a idéia de que se ensina filosofia em outras partes do mundo, não dependerá do fato de que também lá calculam os anos do nascimento de Cristo, dependem dos bancos americanos, usam os nossos instrumentos tecnológicos, que foram criados com a ciência européia moderna? É verdade que muito da ciência se construiu em relação ao Islã, mas, em um certo ponto, se desenvolveu aqui. Quando vou ao Peru e me dizem: “Deverias aprender a filosofia andina”. Eu pergunto: “E o que é a filosofia andina?” Eles me respondem: “É um modo de vida que só aprenderias vindo aqui, para estar conosco”. Quero dizer que a difusão dos saberes aparece, muitas vezes, como cúmplice de um domínio ocidental. Mas esta mundialização do Ocidente é ambígua. Não podemos dizer que seja somente má. Sim, existe um império, existe um domínio, mas existe também a difusão de saberes científicos e filosóficos. Há muitíssimos indianos que emigram para o Ocidente clandestinamente e pouquíssimos ocidentais que emigram para a Índia. Não digo que nós tenhamos razão, mas efetivamente existe uma ocidentalização do mundo que realiza a universalidade do discurso filosófico, como o pensavam os nossos ancestrais. E, enquanto a realiza, a põe em discussão. Não podemos pretender que todos a pensem como Aristóteles ou Platão.

**Parece tanto mais necessário repensar questões que pareciam adquiridas, como cidadania, igualdade, a própria democracia. A política necessita de filosofia?**

“Também, neste caso, a filosofia tem a função de desdogmatizar as nossas certezas políticas. Tomemos os grandes filósofos do século XX. Derrida<sup>18</sup> morreu há apenas quatro dias. Ele jamais teria jurado sobre a verdade absoluta das nossas instituições políticas, jamais teria ocupado o Iraque para exportar a democracia. Os filósofos não se comportam como Bush, que admite ter boa fé, coisa de que duvido muito. Talvez Heidegger tivesse querido exportar Hitler... Mas, à parte o gracejo, nenhum dos grandes pensadores da modernidade estava certo das nossas convicções políticas. Os iluministas talvez tenham sido os últimos que pensaram em exportar a democracia, mas nem sequer eles podiam permitir-se serem fanáticos, pois pensavam que convinha discutir com a gente do lugar. Portanto, com respeito à política ocidental, hoje a filosofia tem uma grande função: a de ensinar a vencer a idolatria. O melhor da filosofia contemporânea é a hermenêutica, o diálogo, o consenso informado, a universalidade como fato que se constrói com acordo, e não com iluminação”.

**Filosofia é também ética. E em todos os campos, da genética aos negócios, se invoca o retorno da moral. Há necessidade dela também aqui?**

“Ainda uma vez: a filosofia dificilmente ensina a ética como sistema de princípios. Recordamos sempre do demônio de Sócrates. O demônio dizia a Sócrates o que não devia fazer, não aquilo que devia fazer. Os comportamentos de Sócrates derivavam dos preconceitos da *polis*, do ventre, dos instintos, dos usos aos quais estava habituado. O demônio punha um limite a esta pertença, da sobrevivência cotidiana à economia. E ainda hoje, quando se fala de ética dos negócios, segundo minha opinião, não se pede à ética que forneça um endereço positivo, mas que ensine aos homens de negócios o que não devem fazer: não devem trapacear, não devem enganar, não devem malversar... A ética pode sugerir isso, e não aconselhar em qual título investir para ser moral. Eu creio que uma idéia da ética nestes termos é filosoficamente bem fundada. As nossas ações dependem sempre de algumas das normas impostas e das expectativas dos outros. A ética deve intervir aqui, sobre a conformidade dos comportamentos, usos, costumes, interesses. O grande mestre da ética é Sócrates, com o seu demônio, que diz continuamente o que não se deve fazer”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Deu nos jornais

### Josué de Castro. Uma voz profética

“Ele dizia nos anos 50 que o crescimento econômico do Brasil não combateria a fome. Estava certo. As pessoas só estão vendo isso agora”. A afirmação do senador Cristovam Buarque - **Correio Braziliense**, 26-10-04 - é uma referência ao sociólogo Josué de Castro e foi feita por ocasião do lançamento do documentário produzido pela Fundação Banco do Brasil sobre a vida de Josué de Castro. Pernambucano, Josué de Castro, nasceu em 1908. Filho de imigrantes do sertão, passou a infância nos mangues do Recife. Escreveu 29 livros, traduzidos em 25 idiomas. A sua luta contra a fome o tornou conhecido nos quatro cantos do mundo. No livro **Geografia da Fome**, o mais importante do sociólogo pernambucano, ele diz que fabricando mais ferro, o país terá mais máquinas. Mas nunca terá mais comida na mesa dos pobres. “Só

---

<sup>18</sup> Dedicamos a Derrida a editoria Memória do **IHU On-Line** número 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota do **IHU On-Line**).

resolveremos o problema da fome com a agricultura, fabricando mais comida e aumentando a renda das pessoas”, destaca a matéria do **Correio Braziliense**. Cristovam ressalta a visão profética de Josué, apontando que o País vem aumentando a riqueza atualmente, mas sem diminuir a pobreza: “Josué viu isso antes de todo mundo”.

#### **FHC e o fim da Era Vargas, segundo Lessa**

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Carlos Lessa, sem citar o nome e indiretamente, chamou o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso de ‘vândalo’ por ter defendido o fim da Era Vargas. Para Lessa, quem propõe acabar com alguma coisa deve esclarecer seus motivos e o que vai construir. “O que demole por demolir é para mim um vândalo”. As afirmações foram feitas no seminário *Vargas e o projeto de desenvolvimento nacional* e foram reproduzidas pelo **Estado de S. Paulo**, 26-10-04. Lessa afirmou que propor acabar com a Era Vargas, como FHC fez, “é acabar com o sonho do Brasil que quer ser, é propor suicídio coletivo de 170 milhões de pessoas, é um insulto (...) e um gesto de arrogância”. “Ninguém jamais acabará com a Era Vargas”. De acordo com Lessa, Vargas “sempre apostou que esse país tem futuro”, em contraponto a “uma geração que disse que o Brasil não tem futuro”. No mesmo evento Carlos Lessa atacou duramente a idéia de permitir que os créditos originados pelos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) sejam dados diretamente pelos bancos comerciais. Para ele, os críticos querem ter acesso a recursos do FAT, de baixo custo, “que darão àqueles que os utilizarem um poder que o BNDES não utiliza”.

#### **“Governo Lula é medíocre, mas tende a ser reeleito”**

A opinião é do sociólogo Francisco de Oliveira em conversa com o **Valor Econômico**, 28-10-04. Para Chico de Oliveira, “o desempenho da economia não será tão ruim. Vai ser medíocre, mediano. A reeleição do Lula é possível”. Francisco de Oliveira participou do 28º Encontro da Associação Nacional dos Pós-Graduados em Ciências Sociais (Anpocs) que ocorreu em Caxambu (MG). O **Valor** destaca que o sociólogo, fundador do PT, analisa que o partido vai permanecer como uma força política importante “porque é o melhor implantado no país, de maneira eficiente. Vai permanecer mais pela sua profissionalização do que por razão ideológica”. Essa profissionalização, lembra Chico de Oliveira, pode ser vista nas eleições municipais deste ano - “as pessoas que agitam as bandeiras nas ruas para o PT são as mesmas que agitam bandeiras para as imobiliárias”. Há 10 anos, lembrou, a máquina partidária do PT contava com 50 mil pessoas, “o que já era uma coisa poderosíssima. Hoje deve estar muito maior”. Na opinião do sociólogo, “o PSDB, que brigará pela Presidência da República em 2006, é o segundo partido que deverá perpetuar-se no país e tende a atrair a camada mais rica da sociedade. Nas cidades, segundo ele, a sociedade seria dividida entre ‘petistas, pela miséria, e tucanos, pela afluência”.

#### **Fome de energia - o planeta resistirá?**

“A demanda mundial de energia crescerá 60% até 2030, puxada pelo petróleo e o combustível responderá por 85% do aumento da procura mundial. Dois terços dessa demanda serão consumidos por países em desenvolvimento, liderados pela China, e no qual se inclui o Brasil. A análise é da Agência Internacional de Energia (AIE), que colocou o Brasil na 24ª posição, entre 75 emergentes, no índice de desenvolvimento energético”, informou o **Jornal do Brasil**, 27-10-04. De acordo com a AIE, “decidimos introduzir esse índice aqui para encorajar a análise sobre o papel da energia como um fator de contribuição ao desenvolvimento e não apenas como uma simples consequência”.

### Auto-suficiência brasileira vai demorar mais...

De acordo com a matéria “a agência estima que a produção de energia elétrica no Brasil cresça 3,1% ao ano até 2030. E o percentual da energia gerada por hidrelétricas será, até lá, transferida para o gás natural, caindo de 83% (2002) para 65%. A demanda no país deverá crescer 2,5%, em média, ao ano até 2030”. Segundo a agência o Brasil vai atingir a auto-suficiência na produção de petróleo “até 2010, contrariando as projeções da Petrobrás, que fixou esta meta para 2006”. Segundo a previsão da AIE em “26 anos, a demanda por óleo dos países asiáticos em desenvolvimento - como China, Índia, Indonésia, Malásia, Vietnã - atingirá 30 milhões de barris por dia, superando a procura dos atuais líderes, Canadá e Estados Unidos, que consumirão 28 milhões/dia. O estudo da AIE sobre demanda é baseado no crescimento econômico e da população”. Com relação à China, o crescimento será em média de 5% ao ano, segundo estimativa da agência e “provavelmente se tornará a maior do mundo em 2020”.

### Cena Brasileira I. Os “çábios” do BC

“O Banco Central tem oito diretores e um presidente. Três vieram da banca. Quatro passaram por universidades americanas. Eles sabem o que aconteceria se o Federal Reserve Bank divulgasse uma ata, sugerindo a necessidade de mudança nos preços dos combustíveis. Isso provocaria uma oscilação no valor das ações das empresas de petróleo e eles seriam processados. Arriscavam perder o patrimônio. Exagerando, a liberdade. O que diriam os “konsultores” do mercado se uma lambança desse tamanho saísse do BNDES?” Com o título **Çábios do BC**, a nota é do jornalista Elio Gaspari publicada na sua coluna no jornal **Folha de S. Paulo**, 31-10-04.

### Cena brasileira II. Mau negócio

“Um dos laboratórios do Instituto de Física da USP (sustentado pela Viúva) importou equipamentos que estão trancados na alfândega do aeroporto de Brasília. Isso porque a compra veio pelo CNPq (um conselho da Viúva) que deve ao ministério da Fazenda (da Viúva), que nega certidão negativa ao caloteiro. Por conta disso, a Receita (da Viúva) não libera os equipamentos e a Infraero (da Viúva) fatura os custos da armazenagem do material científico. Receber os 67,6 milhões de dólares que a Varig deve aos poderosos aerotecas, nem pensar. Isso para não falar em outro espeto da empresa, de 1 bilhão de dólares em impostos, taxas e contribuições. Os mecenas que mimaram Lula presenteando-o com o principal programa habitacional do PT-Federal (a reforma do Alvorada), devem à Companheira mil vezes mais que o CNPq”. A nota é do jornalista Elio Gaspari publicada na sua coluna no jornal **Folha de S. Paulo**, 31-10-04.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## Frases da semana

### FSM. Uma feira de produtos ideológicos, segundo Lula

*“Penso, companheiros, que o Fórum Social Mundial, que vai se realizar em Porto Alegre, precisa definir um ou dois temas para se transformar em bandeira para eles trabalharem durante o ano inteiro. Porque, senão, o Fórum vai se transformando numa feira, numa feira de produtos ideológicos, onde cada um vem e compra o que quer, vende o que quer. E a gente vai*

*embora sem ter firmado um compromisso de que tem uma coisa para a gente fazer durante o ano inteiro, para cobrar dos governantes, dos partidos, pra cobrar dos parlamentares”. – Luis Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil - O Globo, 27-10-04.*

#### **O Brasil se “peemedebizou”**

*“Dá a sensação de que o Brasil se “peemedebizou”. Os discursos foram muito parecidos. Onde estão nossos partidos, que ficaram tão iguais?”. – Cristovam Buarque, senador (PT/SP), sobre o desempenho dos partidos nas eleições – Folha de S. Paulo, 31-10-04.*

#### **O medo**

*“Numa época em que todas as grandes idéias perderam credibilidade, o medo de um inimigo fantasma é tudo o que resta aos políticos para preservar seu poder.” – tese central da série O Poder dos Pesadelos: a Ascensão da Política do Medo, apresentada pela rede britânica BBC2 – Folha de S. Paulo, 31-10-04.*

#### **Macroeconomia de esquerda? Não existe!**

*“Não existe macroeconomia de esquerda”. – Maria da Conceição Tavares, economista – Folha de S. Paulo, 26-10-04.*

*“Quem está sentado na Fazenda e no Banco Central, em geral, é conservador. Daí a ser vendido, débil mental, ignorante, piranha financeira e fazer um rentismo (privilegiar os ganhos de capital, no lugar da produção) desvairado, as coisas mudam de figura”.- Maria da Conceição Tavares, economista – Folha de S. Paulo, 26-10-04.*

#### **Direitos Humanos**

*“Hoje cedo um representante do governo me ligou de Brasília, perguntando se eu acho que os arquivos devem ser abertos. Respondi: sim, já, o quanto antes. Pode acarretar dificuldades para Lula, mas tem que ser feito”. – Paulo Evaristo Arns, cardeal, ex-arcebispo de São Paulo, sobre a abertura dos arquivos do período do regime militar – O Estado de S. Paulo, 29-10-04.*

#### **Brasil: politicamente centrista**

*“O cenário que emerge das urnas é o de um país politicamente centrista, mas plural”. – editorial analisando as eleições de outubro – Folha de S. Paulo, 1-11-04.*

#### **Eleições despolitizadas e desideologizadas**

*“É o fato de que as eleições vêm sendo crescentemente despolitizadas e desideologizadas”. – Renato Lessa, cientista político, professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – Folha de S. Paulo, 1-11-04.*

*“O comportamento dos candidatos gera cognição política despolitizada, e essa despolitização exige que, na eleição seguinte, a estratégia eleitoral a leve em conta”. - Renato Lessa, cientista político, professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – Folha de S. Paulo, 1-11-04.*

**Obs.** As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

### Abrindo o Livro

#### FRACTAIS, CAOS E SISTEMAS COMPLEXOS

Na próxima quarta-feira, dia 3 de novembro de 2004, acontecerá mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. O Prof. Dr. Ney Lemke, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, estará das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU, apresentando a obra ***The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation***, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000. O evento é gratuito e aberto à comunidade universitária. O professor Ney concedeu uma entrevista ao ***IHU On-Line***, publicada na matéria de capa da 120.<sup>a</sup> edição, de 25 de outubro de 2004, na qual comenta aspectos do livro que apresentará no evento. Lemke é professor do Programa Interdisciplinar de Computação Aplicada. É graduado, mestre e doutor em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua tese intitula-se *Simulação numérica de sistemas complexos*.

### IHU Idéias

#### BIOINFORMÁTICA PARA COMPREENDER A VIDA

O último ***IHU Idéias*** do mês de outubro, que aconteceu na quinta-feira, dia 28, teve à frente o professor Dr. Ney Lemke, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, para falar sobre o tema *Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida*. O professor mostrou a aplicabilidade das idéias da computação em situações práticas para a resolução de problemas da vida. Como exemplo, ele citou a atuação da bioinformática na montagem de genomas completos e na constituição de bancos de dados, considerando que vários desafios da ciência, da biologia e da física a bioinformática pode ajudar a resolver. Ao final do encontro, Ney Lemke abordou as questões éticas da bioinformática, assim como seus impactos sociais e na própria computação. "Estamos na eminência de poder desenhar geneticamente como queremos que uma forma de vida seja", explicou o professor.

#### Ecos do evento

"Achei a palestra muito importante, pois o professor deu uma visão geral da área e falou sobre as implicações éticas da sua aplicação. É interessante a utilidade da bioinformática para a saúde, o desenvolvimento da ciência e da biologia. Devemos refletir sobre os impactos na sociedade".

***José Guilherme Camargo de Souza, aluno do curso de Ciência da Computação da Unisinos.***

"Foi ótima a explanação do professor, bem didática para um público leigo no assunto, principalmente a abordagem ética que ele fez do tema. A questão da hipocrisia das pessoas é

algo a ser pensado. Questiona-se sobre não matar uma célula para o desenvolvimento de pesquisas que podem salvar a vida de muitas pessoas que morrem todos os dias. Devemos pensar o que é realmente mais ético".

**Letícia Rosa Geremias, aluna do curso de Biologia da Unisinos.**

## TEOLOGIA GAY

O tema À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – seus dilemas e possibilidades será apresentado pelo professor André Musskopf no próximo **IHU Idéias**, a ser realizado no dia 4 de novembro próximo, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. André Sidnei Musskopf é coordenador do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI/RS). Graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia (EST), é especialista em Pastoral Care Department, pelo Clara Maass Medical Center, dos Estados Unidos, mestre em Teologia, pela EST, com dissertação intitulada **Ministérios Ordenados e Teologia Gay - Retrospectiva e Prospectiva sobre a ordenação de pessoas homossexuais** e doutorando em Teologia na EST. É autor de **Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay**. São Leopoldo: Sinodal, 2002 e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro, **A flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004. **IHU On-Line** entrevistou o teólogo André Musskopf por ocasião do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, acontecido na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, de 18 a 20 agosto 2004. A entrevista, sob o título **Identidade masculina e corporeidade**, foi publicada na 114.ª edição, de 6 de setembro de 2004. Musskopf concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, ao **IHU On-Line**, comentando a forma como conduzirá sua palestra na próxima quinta-feira.

### **IHU On-Line – Qual é o significado do “à meia luz” no contexto da apresentação?**

**André Musskopf-** A expressão “à meia luz” evoca várias coisas. Ela é usada em músicas para falar de contextos em que as coisas não são vistas integralmente, como numa penumbra onde se distinguem apenas algumas formas vagas, sem que seja possível ver-se com nitidez. Também evoca sensualidade, mistério, provocação, ocultamento, proteção, invisibilidade. Nesse sentido, esta expressão me serve para falar justamente de como eu entendo que a Teologia Gay tem sido vista, ou não, no contexto Latino-Americano e de algumas características do lugar de onde ela é e pode ser produzida e construída. Embora no mês de junho os/as homossexuais, bissexuais, transgêneros, etc., estejam saindo à luz para marchar no maior movimento político brasileiro organizado na atualidade (nas Paradas do Orgulho Gay), a realidade da vida e da cultura gay ainda está muito restrita aos lugares mantidos “à meia luz”. Isso é ainda mais verdade no caso de uma Teologia Gay, pois os espaços religiosos (especialmente as Igrejas) têm sido os maiores promotores da exclusão dessas pessoas (tanto negando a sua cidadania religiosa como, por consequência, a cidadania social e política). Mas os espaços onde pessoas GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros) se encontram “à meia luz”, não remetem somente às limitações, mas às possibilidades de reflexão desse contexto, com todas as características acima mencionadas. A sensualidade e eroticidade associada à sua experiência surge como tema e fonte de reflexão. A proteção garantida pela invisibilidade denuncia o medo e os perigos daqueles que “ousam dizer o nome”. Mas é impossível mantê-la na invisibilidade. Suas formas, ainda que não totalmente distinguíveis, provocam a curiosidade e a descoberta que desestabiliza.

### **IHU On-Line – Por que a necessidade de uma Teologia Gay? O que deve ser contemplado na elaboração dessa teologia?**

**André Musskopf-** De certa forma, responder “por que a necessidade” de uma Teologia Feminista, de uma Teologia Negra, de uma Teologia Indígena, e outras teologias que surgem e emergem desde a década de 1990 responderia esta pergunta. Trata-se de grupos que foram

historicamente discriminados e excluídos do fazer teológico e agora buscam uma articulação para dar sentido a suas experiências religiosas, sociais e culturais teologicamente. Por outro lado, tem-se geralmente a impressão de que todas estas teologias partem de diferenças biológicas/físicas (sexo, cor da pele) ou mesmo culturais bastante constatáveis e imutáveis e, por isso, aceitáveis como experiência diferenciada. Embora algumas pessoas tentem argumentar pela “naturalidade” da homossexualidade (como característica biológica e genética), acredito que este é um caminho que não leva a sério a experiência vivida das pessoas e reduz estas experiências a fatos biologicamente e geneticamente determinados. A necessidade de uma Teologia Gay está no fato de que há um grupo que foi, e é, sistematicamente excluído da vida religiosa e da construção teológica que dá forma e é consequência desta experiência. Esta experiência de exclusão, de clandestinidade, engendra formas diferentes de entender as relações com os seres humanos, com Deus e com a natureza. Não é algo que, essencialmente, distingue estas pessoas de outras, mas uma experiência historicamente determinada pelas compreensões sobre sexo, gênero e sexualidade, e as noções de poder construídas ao redor destas categorias e suas definições socialmente localizadas. Mas não é uma teologia que tem em vista somente pessoas não heterossexuais, pois a sua reflexão também visa a desconstruir as ideologias construídas com base na relação lógica entre sexo-gênero-sexualidade, mostrando como estas ideologias desumanizam as pessoas. O seu objetivo, apoiado na Teoria Queer<sup>19</sup>, é mostrar como a sociedade, a religião e o discurso teológico estão organizados em um princípio heterocêntrico e heteronormativo, que atinge a todas as pessoas.

#### ***IHU On-Line – Que passos já foram dados nessa direção?***

**André Musskopf-** Em geral se tem a idéia de que reflexões teológicas desde a experiência homossexual seja algo novo, embora esta experiência sempre tenha estado presente na construção dos discursos teológicos, mesmo que velada e escondida e, muitas vezes, seja difícil recuperar essas contribuições (veja-se a arte sacra, em que homossexuais tiveram e têm um papel importante). Mesmo assim, é preciso considerar que antes do século XIX é difícil falar de uma Teologia Gay, ou homossexual, uma vez que estas categorias inexistiam. É, especialmente, a partir da década de 1970 que esta articulação se torna possível, pois é neste período que ocorre a formação de uma “comunidade” com uma identidade própria (embora não única nem unívoca). Assim, desde a década de 1970, especialmente nos Estados Unidos, começa-se a articular uma Teologia Gay. Na América Latina, isso é ainda mais recente. No entanto, considero que desde a década de 1980, com o surgimento e agravamento da epidemia da Aids, uma Teologia Gay começou a ser escrita no contexto de ONG’s que trabalharam com prevenção e acompanhamento de casos de contaminação com o vírus HIV e doentes de Aids. Neste contexto, surgiu a necessidade de contrapor o discurso religioso de exclusão e discriminação das pessoas infectadas e doentes, muito fundado na idéia de que a Aids era uma “peste gay” e um “castigo divino” pelo “comportamento homossexual”. Mais recentemente o aparecimento de “comunidades gays” ou “igrejas gays” também configuram-se num espaço onde este tipo de reflexão teológica tem sido levada a cabo. No entanto, uma reflexão mais sistematizada e acadêmica ainda está incipiente. Também há um número crescente de teólogos trabalhando nesta perspectiva e fazendo essa reflexão visível. O meu livro *Uma*

---

<sup>19</sup> A *Teoria Queer* se desenvolveu nos anos 1980, nos Estados Unidos, com a publicação do livro ***Gender Trouble*** de Judith Butler, que possui um alto grau de influência do filósofo francês Michael Foucault e suas idéias sobre a sexualidade. A palavra *queer*, em inglês, é uma gíria usada para a referência a homossexuais. (Nota do ***IHU On-Line***)



*brecha no armário – Propostas para uma Teologia Gay* é, provavelmente, o primeiro a assim se nomear. Mas, como dito anteriormente, essa Teologia continua sendo feita à meia luz, através das brechas, e sendo invisível na academia e nos meios eclesiásticos.

### **IHU On-Line– Quais os dilemas e as possibilidades ainda inexplorados de uma Teologia Gay?**

**André Musskopf-** Por seu caráter nascente, a Teologia Gay surge como uma esperança, uma luz, na luta pela cidadania religiosa de pessoas não heterossexuais. Nesse sentido, ela tem um terreno livre para explorar as possibilidades, entre elas desestabilizar um discurso teológico hegemônico, questionando os seus pressupostos heterocêntricos, mostrando a inviabilidade de sua perspectiva universalizante e pretensamente objetiva, apontando, ao mesmo tempo, para questões de gênero, raça/etnia e classe e como elas interagem na construção da Teologia. Mas seus dilemas também se enunciam já nesse momento em que começa a ser delineada. Um deles é o perigo de criar um outro discurso universal, ou pelo menos, aplicável a todos os homossexuais, desconsiderando, por exemplo, questões de raça/etnia e classe, e aqueles que não têm acesso aos meios de produção teológica em nosso contexto, em que estas questões continuam sendo decisivas. Assim, há o risco de essencializar a experiência homossexual e torná-la uma nova metanarrativa. Desse modo, a articulação da Teologia Gay com a Teoria Queer pode ser uma forma de manter um marco de auto-reflexão, evitando a criação de novas dicotomias, dualismos e hierarquias. Esta articulação continua sendo um grande desafio, especialmente em relação à Teologia Cristã, uma vez que ela está baseada numa metanarrativa, da qual a Teoria Queer sempre desconfia. No contexto latino-americano, acredito que um dos desafios também seja encontrar uma terminologia própria e que consiga traduzir propostas teóricas advindas de outros contextos. Termos como “gay” e “queer” perdem a sua força e poder de contestação, pois acabam assimilados. No entanto, talvez o maior dilema da Teologia Gay, atualmente, seja sair da invisibilidade e se fazer respeitar na academia.

### **IHU On-Line – Algum outro aspecto que não foi perguntado e deseje destacar?**

**André Musskopf-** É importante salientar que, quando falo de Teologia Gay, me refiro a um discurso teológico elaborado da experiência homossexual masculina. Isso não significa uma distinção de valor com relação à experiência homossexual feminina ou mesmo de outros grupos marginalizados por causa de suas práticas sexuais ou comportamentos de gênero. É apenas uma distinção para fins de pesquisa, e delimitação de um grupo específico que, como dito anteriormente, não é homogêneo. Também, com relação à homossexualidade masculina, é preciso falar de homossexualidades (no plural). Mesmo assim, acredito que há um sistema de exclusão que gera experiências comuns e que, por isso, permite falar em uma comunidade e uma experiência comum que permite uma reflexão não particularista, ainda que mantendo a sua particularidade. Ainda que apresentem similaridades com outros grupos sexualmente marginalizados, o processo de socialização apresenta e constrói diferenças nos corpos de homens homossexuais, especialmente pelos papéis de gênero atribuídos aos homens (masculinidade) e a forma como estes homens lidam com esses padrões.

### **Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias do mês de novembro:**

**11/11/04** - *As Igrejas e a política nas eleições de 2004* - Prof. Ari Pedro Oro – Professor na UFRGS.

**18/11/04** - *Arquitetura e Turismo: padrões e averiguados. Realidade constatada – Caso de Florianópolis* - SC - Prof. Paulo Edir R. Martins – Professor na Unisinos.

25/11/04 – *Por onde anda a eclesiologia, hoje? Limites e possibilidades depois de 40 anos da Lumen Gentium* - D. Frei Boaventura Kloppenburg, OFM e D. Frei Aloísio Lorscheider, OFM.

## Sala de Leitura

### ÉTICA APLICADA

O evento **Sala de Leitura**, em sua última edição, no dia 26 de outubro, contou com a apresentação do livro **Ética aplicada. Pontos e contrapontos**, por José Nedel, autor da obra e professor no PPG em Filosofia da Unisinos. Trechos editados da apresentação do referido livro foram publicados na 120.<sup>a</sup> edição do **IHU On-Line**, de 25 de outubro de 2004.

#### Ecoss do evento

"O professor Nedel apresentou o livro de maneira clara e didática, usando um esquema elaborado no Power Point. Também achei interessante a apresentação que ele fez sobre a questão prática da ética, trazendo exemplos da sua ligação com o meio ambiente, com o que ocorre no Brasil e no mundo para abordar a maneira como o homem deve se comportar na sociedade. Nedel concluiu sua argumentação com a citação de autores já referidos no livro".

**Prof. MS Dáris Corbellini, coordenador da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU.**

### DA MONARQUIA À REPÚBLICA

Durante a última edição do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, realizada dia 28 de outubro, foi apresentado o livro **Da Monarquia à República**, de Emilia Viotti da Costa<sup>20</sup>, pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eloisa Capovilla da Luz Ramos, do PPG em História da Unisinos. Eloisa produziu um artigo sobre a obra, que foi publicado no **IHU On-Line** n.º 120, de 25 de outubro de 2004.

#### Ecoss do evento

"Foi muito bom o assunto discutido. Achei interessante a tese debatida pela professora de que o Rio Grande do Sul, o Nordeste e as cidades antigas, litorâneas, não eram incluídas no mapa do Brasil. As cidades do centro do País não queriam a inclusão desse grupo, o que aparece claramente no livro trabalhado. Foi realmente uma falha da autora não ter mencionado o RS".

**Adelir Francisco Hensel, aluno do curso de Economia da Unisinos.**

"O livro tratado é básico, não tem como fugir de abordá-lo. A apresentação foi muito didática. No quadro da historiografia brasileira, é uma das obras que traz uma das posturas que mais devem ser levadas em consideração. Além de apresentar uma visão quanto à instalação da República no Brasil, considerada como a mais plausível, ele tem um posicionamento teórico importante de ser analisado, um pensamento fundamental para a discussão historiográfica brasileira".

**Camila Merg, aluna do curso de História na UFRGS.**

---

<sup>20</sup> Emilia Viotti da Costa estará participando do III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido pelo IHU, a ser realizado na Unisinos de 7 de abril a 24 de novembro de 2005. A professora apresentará o livro de sua autoria intitulado **Da Senzala à Colônia**, no dia 30 de junho de 2005, das 20h às 22h, no Auditório Central da Unisinos (Nota do **IHU On-Line**).

## Humanitas Arte

A comunidade acadêmica da Unisinos pode se agendar para visitar mais uma exposição artística oferecida pelo projeto **Humanitas Arte**. De 27 de outubro a 4 de novembro, o artista Caé Braga terá suas obras expostas na Galeria Cultural da Biblioteca, das 8h às 22h15min. A abertura da exposição ocorreu no dia 27 de outubro. O artista ministrou duas oficinas gratuitas no dia 29 de outubro, das 9h às 12h e das 14h às 17h. Na 120.<sup>a</sup> edição do **IHU On-Line**, de 25 de outubro de 2004, consta um artigo escrito pelo professor Gilmar Hermes, da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, que entrevistou Caé Braga a nosso pedido. Confira a opinião de alguns participantes da oficina ministrada pelo artista.

### Ecoss do evento

"Achei muito legal. Sempre gostei de escultura e até já fiz e vendi algumas. Foi interessante a contribuição do Caé sobre o processo de criação com argila, que ele nos ensinou a sempre priorizar na hora de estruturar uma peça.

**Hélio Roberto Franz, aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos.**

"Gosto de mexer com argila. É um momento de libertação, em que a imaginação flui e podemos criar livremente. Achei interessante que o Caé foi aluno do Vasco Prado e eu admiro muito as obras dele. Fazer essa oficina foi uma grande oportunidade".

**Janaína Oppermann, aluna do curso de Biologia da Unisinos.**

"Eu gostei muito, porque aprendi a fazer várias coisas legais. O Caé me ensinou como fazer melhor e mais bonitos os trabalhos. O uso do palito de picolé ajuda a fazer a estrutura e a deixar a obra mais trabalhadinha".

**Péterson André Silva dos Santos, 10 anos, aluno da 4ª série do Colégio Amadeu Rossi, de São Leopoldo, e participante do PEI, da Unisinos.**

## Debate sobre Umbanda

A oitava edição do evento **Estudando as Religiões**, promovido pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo (Gdirec), do IHU, discutirá com os presentes a religião Umbanda. O evento é gratuito e acontecerá na próxima quarta-feira, dia 3 de novembro, das 17h às 18h30min, na sala 1G119 do IHU. Desde a primeira edição, já foi debatido o espiritismo kardecista, as Comunidades Eclesiais de Base, o Africanismo, a Igreja Episcopal Anglicana, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, o Santo Daime e a Igreja Católica.

## Encontros de ética para alunos

O debate levantado, no último Encontro de Ética para alunos, promovido pelo IHU, dia 25 de outubro, foi *Ética na Internet*. O tema foi conduzido pelos professores Dr. Celso Cândido de Azambuja e MS Gustavo Daudt Fischer, ambos da Unisinos. Confira a opinião de quem participou do evento:

### Ecoss do evento

"Foi de significativa importância este debate. A dimensão interdisciplinar amplia horizontes, abre diversos ângulos numa realidade tão presente e incidente em nosso dia-a-dia. Também a

simplicidade com a qual os dois mestres se relacionaram com o tema e com os presentes, na palestra, foi de uma expressão humana tal que provocou um novo olhar, com mais esperança e fraternidade para com a humanidade, mesmo que pela Internet".

**Tânea Giehl, aluna do curso de Serviço Social da Unisinos**

## GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

O tema do próximo **Encontros de ética para alunos** será *Gravidez na adolescência*. Quem proferirá a palestra será a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Maria Hecker Luz, da Unidade de Ciências da Saúde da Unisinos. O evento se realizará no próximo dia 8 de novembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## IHU REPÓRTER



### Pe. Luiz Marobin

*O padre jesuíta Luiz Marobin foi reitor da Unisinos de janeiro de 1978 a dezembro de 1981 e diretor da Biblioteca Unisinos durante 12 anos. Apesar disso, afirma que sua história de vida é muito simples, monolinear. Nascido em 1920, padre Marobin completará 84 anos no próximo dia 15 de novembro. Ao contar sua trajetória e as experiências que mais o marcaram, ele comenta que pela maneira de agir, sabemos como uma pessoa é. Desde o dia 15 de agosto de 2003 está internado na Casa de Saúde São José, em função de um atropelamento ocorrido dias antes. Diversas fraturas em sua estrutura óssea e demais complicações em virtude do acidente, obrigaram padre Marobin a afastar-se de suas atividades acadêmicas. Os problemas de saúde fazem com que ele afirme que sente "a vida escapando".*

Confira a entrevista que ele concedeu à redação do **IHU On-Line**.

**Origens** - Vim de uma família grande. Éramos 12 irmãos, 7 mulheres e 5 homens. Morávamos no Vale do Taquari, na localidade de Santa Tereza, ao lado esquerdo do Rio Taquari. No lado direito do rio havia muitas jazidas, depósitos de ossos de índios. O padre Inácio Schmitz<sup>21</sup> esteve pesquisando lá. Nossos pais eram agricultores. Na cachoeira do Rio Taquari costumava ter muitos peixes. Era uma região montanhosa. Tenho boas e pitorescas lembranças dessa época e desse lugar. Na época das enchentes, dava medo de sermos levados pelas águas, porque morávamos muito perto do rio. Mas, apesar da água chegar perto, nossa casa nunca foi atingida.

**Formação** - Iniciei minha formação escolar lá em Santa Tereza, com um excelente professor, chamado José Fontana. Ele era alto, forte, tinha voz de trovão e parecia um imperador romano. Era um ambiente típico do interior, muito religioso e simples. Depois vim estudar aqui em São Leopoldo, no antigo Seminário Central, onde cursei desde o Curso Ginásial até os cursos de

<sup>21</sup> Entrevistamos o professor Inácio Schmitz na 97ª edição do **IHU On-Line**, de 19 de abril de 2004 (Nota do **IHU On-Line**).

Filosofia e Teologia. Também fiz o curso de Letras na UFRGS. Estudei Estética da Linguagem, em Florença, na Itália. Depois passei uma temporada em Roma e em Paris. Viajei de passagem pela Alemanha, Portugal, sobretudo Coimbra.

**Sacerdócio** - Dizer como decidi ser padre é uma questão difícil de responder. Só mesmo quem é, sabe mais ou menos responder. Vocação é uma coisa muito complexa. Ela vem de longe, vem de Deus. Ordenei-me padre em 1940.

**Ser professor** - Sou um dos veteranos da Unisinos, ajudei a construí-la. Sempre lecionei lá. Comecei ensinando na Antiga Sede as disciplinas de Estética, Letras e Literatura. Parei de trabalhar há pouco tempo, quando sofri um acidente e fiquei todo quebrado. A sala de aula é como é o professor. Ela se molda ao professor. Evidentemente, aula exige uma certa disciplina, e eu pratiquei a disciplina em aula. Disciplina no sentido de ordem, estudo, trabalho, mais para o lado do sério. Hoje em dia, os métodos são diferentes. Todo método bem aplicado é eficiente. Sou muito contente por ter sido professor, ter contato e viver com os alunos, acompanhar os estudos e trabalhos escolares.

**Pe. Reus** – Eu tive uma ligação muito particular com o padre Reus. Ele era o nosso confessor e tinha como particularidade dar uma penitência muito pequena, quase sempre três Ave-Marias. Ele rezava as ladainhas geralmente. Em certas partes das ladainhas, quando ele invocava o sacratíssimo coração de Jesus, ele alterava a voz. Mais tarde eu fui verificar porque ele alterava a voz: era porque ele via no sacrário o próprio Cristo. Eu tinha muito apreço e admiração pelo padre Reus, desde que eu o conheci. Ele era uma pessoa que me impressionava muito, com sua atitude firme, séria. Nós jogávamos futebol no pátio do antigo Colégio Conceição. Era um pátio pequeno para uns 200 seminaristas gritões. Quando ele atravessava o pátio, todo o mundo parava com medo de que ele levasse um “bolaço”. Quando passávamos perto dele, nós baixávamos a voz, com respeito. Ele parecia nem nos ver. Ia para a capela e lá se postava a rezar, ereto, ajoelhado, mas sem encostar as mãos no apoio, firme, parecia uma estátua, uma estátua de santo.

**Autor** – São João da Cruz, um dos grandes teóricos da mística.

**Livro** – A Bíblia, desde criança.

**Filme** – Eu vi muitos filmes. Mas cito um que vi, quando eu era mais moço, chamado *A canção de Bernadete*.

**Presente** – Na minha idade, o maior presente é a vida. E sinto que ela já está me escapando.

**Nas horas livres** – Ler. Ultimamente não posso mais, porque a saúde não está boa, mas sempre fui um grande leitor.

**Um sonho** – Poder ver a beatificação do Padre Reus. Eu trabalhei muito nesse processo.

**Experiências marcantes** – Estágios de estudos na Europa, sobretudo na Itália, França, Portugal. Foi marcante pela vivência no ambiente universitário de lá. Os professores e seus métodos de ensino me marcaram. Também foi, sem dúvida marcante, a viagem que fiz à Terra Santa, em 1980.

**Unisinos** – Defino a Unisinos pelos seus objetivos, pretensões e realizações, que são muitas. Hoje a Unisinos está muito diferente do que era. Mas a diferença está no modo, pois, na essência, ela é a mesma. O lado humano é muito forte por meio do humanismo e da antropologia. Desde o começo, a Unisinos adotou um ensino humanista.

**IHU** – O papel do Instituto Humanitas na Unisinos é muito bonito. Muito antes de ele existir, eu já achava que deveria haver este Instituto. O Humanitas compreende as ciências do homem e elas são importantes.

**Antropologia** – Meu recado aos jovens estudantes é: estudem antropologia, porque é muito importante para entender a caminhada da humanidade. O homem não pára na história, ele prossegue. As últimas descobertas arqueológicas indicam que o ser humano nunca pára. Ele tem uma fase, termina, enterra. Essa civilização não desaparece. Ela fica acumulada ali, enquanto a humanidade caminha. Esses resíduos compõem um painel para ajudar a entender a misteriosa caminhada do ser humano. Como começou, só Deus sabe. O ser humano não morre, a lembrança fica.

[\(Voltar ao índice\)](#)

## SALA DE LEITURA

A minha indicação de leitura é o livro ***Um Toc na Cuca – Técnicas para quem quer ter criatividade na vida***, de Roger Von Oech. São Paulo: Cultura, 1999, 153 páginas. O livro aborda as questões que afetam os bloqueios mentais e a falta de criatividade. Com linguagem simples e acessível, o autor sugere a quebra de paradigmas, o desafio às regras e o trabalho com ambigüidades e paradoxos. Por meio de dez clichês muito usuais, o livro organiza, didaticamente, um passo-a-passo para mudanças de atitude e desenvolvimento de nosso potencial criativo.

**Prof<sup>ª</sup>. MS Magda Regina Lourenço Cyrre, mestre em Teorias do Texto e do Discurso e professora da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos.**

"Estou lendo ***Teorias da Notícia e do Jornalismo***, de Jorge Pedro Sousa. Chapecó: Argos, 2002. 223p. O livro, cujo autor é português, apresenta explicações "para que as notícias sejam aquilo que são". Muitas pessoas ainda acreditam que o jornalismo é um "espelho" da realidade ou, ao contrário, percebem que as notícias abrigam determinados interesses, sem compreender como eles convivem o jornalismo dito "imparcial". Por isso, embora seja uma obra voltada para os estudiosos de comunicação, ela pode ser bem útil para quem desejar entender como os fatos viram notícias."

**Prof. MS Pedro Luiz da Silveira Osório, mestre em Comunicação e professor do Curso de Jornalismo da Unisinos**

[\(Voltar ao índice\)](#)

### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Prof<sup>ª</sup> MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart*



*(graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br) . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br) . Ramais: 1173 e 1195.*